



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

LUENE LUIZ

**MEMORIAL**  
**A BRINCADEIRA DAS QUEBRADAS:**  
**A PIPA COMO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO CULTURAL E**  
**FERRAMENTA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA**

Santo Amaro da Purificação

2024

LUENE LUIZ

**MEMORIAL**  
**A BRINCADEIRA DAS QUEBRADAS:**  
**A PIPA COMO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO CULTURAL E**  
**FERRAMENTA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Urpia

Santo Amaro da Purificação

2024


**LUENE LUIZ**

**Memorial**

**A brincadeira das quebradas:  
A pipa como espaço de pertencimento cultural e  
ferramenta de criação artística**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas.

**Banca Examinadora**

Documento assinado digitalmente  
 ANA MARIA DE OLIVEIRA URPIA  
Data: 20/12/2024 13:53:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Urpia – Orientadora – UFRB

Documento assinado digitalmente  
 EVELYN DOS SANTOS SACRAMENTO  
Data: 20/12/2024 13:41:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Me. Evelyn dos Santos Sacramento – Membro Externo Titular – UFBA

Documento assinado digitalmente  
 SARAH ROBERTA DE OLIVEIRA CARNEIRO  
Data: 20/12/2024 15:11:43-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Sarah Roberta de Oliveira Carneiro – Membro Interno Titular – UFRB

## AGRADECIMENTOS

Sou extremamente grato à minha mãe Elisa Luiz, que criou a mim e a meu irmão sozinha, por ter me dado a graça da vida, e por fazer da gente o maior sonho concreto da vida dela. Agradeço também por ser minha musa inspiradora para o processo dessa pesquisa, e por me mostrar que mesmo não estando mais em vida, me fez semelhança e extensão. Obrigada pelas comidas gostosas, pela escuta atenciosa, pelos conselhos de mãe, por me fazer entender a dureza da vida, e me preparar para viver a vida após a sua partida. Você é minha ancestral mais forte agora, torno a caminhar forte pelos caminhos, ganhando os amigos pela barriga, igual você me ensinou<sup>1</sup>. Agradeço ao meu irmão Gabriel Luiz, por ter crescido comigo e compartilhado dos momentos de aprendizado, pelos investimentos e credibilidade nos meus estudos, pelos lanches do dan dog, pelo VA que salvou grandão, eu e meus amigos, pelas mensagens em meio às madrugadas dizendo o quanto gosta de mim e que os desaparecimentos é o corre da vida, pra deixar a mesma melhor. Agradeço à minha tia Izabel pelos cuidados com o quintal, assim como os cuidados comigo também, pelas comidas deliciosas, por me ouvir e me entender como referência mesmo estranhando a vida contemporânea dos jovens, por cuidar da minha mãe, por cantar “Conceição” do Cauby Peixoto bem alto pelas manhãs, e sem dizer nada, me fazer entender que a dor de perder uma mãe, é para a vida toda, mas que enquanto estivermos vivos, estaremos vivos! (Conceição é o nome da minha avó materna). Agradeço ao meu tio Porcêdonio por ser chorão e me ensinar que chorar é natural do homem, por me fazer gostar de pimenta e farinha de mandioca desde criança, por me contar as histórias dos cangaceiros do Ceará, e as lutas que travou nos caminhos do Nordeste até São Paulo, e por me influenciar a torcer pro melhor e maior time do mundo, SANTOS SEMPRE SANTOS, e pelo último sorriso dado, na cama do hospital, quando contei que passei na Universidade aqui na Bahia, e que me mudaria pra cá. Agradeço a minha Tia Jussi por ser a fiel e escudeira irmã-sobrinha-amiga da minha mãe, por cuidar de nós três, por investir e acreditar nos meus estudos e trajetos, por me ensinar a ser boêmio aos finais de semana, a apreciar uma boa brahma chopp, por me escutar nas angústias sentidas pela falta da minha mãe, por compartilhar os sonhos com a minha mãe, e a tornar viva em nossas memórias. Agradeço meu primo Rodrigo por me inspirar a seguir a área da educação, mesmo reclamando muito dela, por investir nos meus estudos, pelos churrasquinhos no

---

<sup>1</sup> É uma escolha minha fazer uso da linguagem própria das quebradas, sobretudo nos agradecimentos e em outras partes do texto em que falo da cultura das pipas na quebrada onde cresci.

quintal da tia, e por me presentear com a minha primeira kenner. Agradeço a minha prima Andrea por ter me levado à praia, por investir e acreditar nos meus estudos, por ter dado vida ao Heitor, meu priminho de 12 anos que carreguei no colo desde bebezinho e que amo muito. Agradeço ao Gui Pontes por ser tão paciente com meu irmão, por ter acompanhado a gente em todo o processo pós morte da minha mãe, sendo um excelente amigo, e uma excelente pessoa. Agradeço imensamente a Queisy, que foi meu grande amor durante alguns anos da minha vida, que nos finais dos dias da minha mãe, pode mostrar pra ela o quanto eu era amado e cuidado aqui na Bahia, e por ter toda a paciência pra lidar comigo após a morte da minha mãe, e em nenhum momento ter me faltado com amor. Agradeço a Eliana, mãe de Queisy, que se fez segunda mãe para mim, pelas comidas deliciosas, pelo cuidado, pela paciência, pelos passeios e pelos aconchegos no coração. Agradeço a Tio Dinho, tio de Queisy, pelas sabedorias passadas, pelas comidas nas panelinhas e os bolos de leite, e por me influenciar a parar de fumar cigarro. Agradeço a Evelin, irmã de Queisy, pelas fififi fafafa e por me fazer rir muito com suas piadas ruins. Agradeço ao Webster pelas brincadeiras da infância, e principalmente por ter me formado na escola de pipeiros. Agradeço a Tia Márcia e o Tio Álvaro, dona da casa que morei a vida toda em Perus, por ter dado o direito à moradia para minha família.

Agradeço a todos meus amigos do ensino fundamental e do ensino médio, Ana Beatriz, Maria Leticia, Gabé, Verissima, Madu, Millena Maria, Gabrieli Cyrillo, Liandra, Luna, Juno e Gustavo, que estiveram presentes em minha trajetória de vida, principalmente aqueles que foram ao enterro da minha mãe, buscando me dar conforto e amor. Estou aqui por vocês também.

Agradeço a Gabé, Nivy e Carol Nascindin por terem me introduzido no mundo do graffiti, pixação e hip-hop, vocês não tem noção do quanto vocês me ensinaram que o movimento hip hop salva vidas.

Agradeço ao Brown por ter me incluído nas brincadeiras de rua, quando todos me excluía e por ter me influenciado grandemente a torcer pelo Peixão, e pelas comemorações de 2011, quando o Santos ganhou a libertadores.

Agradeço ao Caéu Lopes e Tayan Ferreira pelo acompanhamento e incentivo no meu processo de transição de gênero quando cheguei aqui na Bahia, e pelas malandragens compartilhadas para se manter vivo nesse mundão transfóbico. Agradeço a Veríssima (Very) por me dar amor e me deixar amá-la nos momentos de fraqueza, pelas ligações insistentes para saber como estou, por ser uma das melhores dançarinas contemporâneas que o mundo

vai ver, você é mais negrona, te amo. Agradeço grandemente ao Márceu, meu grande amor das ocupações das escolas, que caminha comigo até os dias de hoje, pelas comidas feitas com muito carinho, pelas buscas no aeroporto, pelas viradas de ano, pela visita na Bahia, pela paciência ao observar meus processos e mudanças, por empinar pipa junto comigo, por acreditar nas minhas escolhas, e por ser o bailarino mais top da Z/O fundão de Barueri. Agradeço a Marcela Reis, por ser uma das pessoas mais leais que eu pude conhecer na minha vida, por fazer minha mãe rir, por me fazer rir, por falar alto, por se tornar família quando eu me senti sozinho, por ter vindo me visitar em Santo Amaro, e dirigido durante três dias de estrada com Zuri na cadeirinha, por me levar pra passear de carro na praia, e por ter dado vida a Zuri, de 1 aninho, que é a criança mais linda da vida do titio. Agradeço ao Alvim por ser tão cauteloso com as falas, pela sensibilidade no viver, pelo cuidado, e pela tela com uma de suas artes preferidas, que me deu de presente. Agradeço a Nivy Werneck por me alegrar com sua jovialidade, por topar toda e qualquer ideia proposta, por acreditar no meu corre, e me mandar uma graninha sempre que possível, e por ser minha inspiração nas artes visuais, você é a mais top da Z/O fundão de Barueri nos grafite fia, esqueceee.

Agradeço ao Ynã Precioso por todo o afeto, pelas mensagens de apoio e incentivo, por fazer questão de sempre me lembrar o quanto me admira e o tamanho do meu potencial, por me enxergar enquanto referência, por me permitir compartilhar desse amor, por me levar na sua quebrada e conhecer seus pessoal, por confiar a mim suas letras de músicas e poesias, amo ouvir o que você tem pra dizer, precioso mesmo. Agradeço a Pena Yara, por ser nossa caçula travesti e nos ensinar a ter coragem. Agradeço a Sara Donato por ser minha referência contemporânea no Rap, por trazer conhecimento ao público do Hip Hop e não deixar nossos mestres e mestras antigos do Rap cair em esquecimento, e por amar incondicionalmente meu parceiro Tayan Ferreira, amor de verdade é difícil encontrar por aí. Aproveito para agradecer Tayan pelos abraços fortes, que me fazem sentir amado e vivo.

Se houvesse a maneira de inventar uma palavra que não fosse “agradecer” só pra direcionar para esse bloco de pessoas, eu inventaria, pois só estou aqui hoje, devido ao companheirismo, amor, trocas e afeto dessas pessoas, amo todos vocês incondicionalmente. Agradeço ao Lucas Nascimento e Murilo Viola por terem acreditado na potencialidade do meu trabalho com as pipas desde o início, e terem aberto a casa e o ateliê, cedido os materiais para a confecção da minha primeira instalação com pipas. Agradeço pelo banza fumado, pelas criações compartilhadas, pelos carinhos, pelos cafés, pelas pizza quadradas, por deixar por diversas vezes eu ser adotado pelas suas famílias, por cuidarem de mim quando peguei

dengue, por se fazerem presentes na minha vida, e por me deixarem ser tio de 6 gatos gigantes. Agradeço a Terra Queiroz, por me alimentar o espírito, pelo cuidado com minha saúde, pelos bofes provados em conjunto, pelo carinho no rosto, pela lasanha gigante, por cuidar de mim mesmo tendo as urgências da vida dela, te amo incondicionalmente. Agradeço a Lua Candeia, pela paciência em escutar, pela sabedoria em responder, por me fazer entender que a cozinha é o coração da casa, por me alimentar com suas comidas gostosas, e por me fazer rir desesperadamente sem conseguir parar, te amo lua. Agradeço ao Rony, que sempre me ensinou a ouvir mais do que falar, obrigado pela vida de Ewê Omi. Me ensinou que o silêncio é o patuá de gente grande, essa frase nunca fez tanto sentido na minha vida, quando eu olho pra você. Atotô meu pai Omulu, que o senhor velho das plantas, possa sempre estar nos nossos caminhos, nos ensinando que a sabedoria e a cura, está no tempo. Que continuemos a caminhar acreditando em dias melhores, te amo irmão. Agradeço a Cláudia Regina por acreditar no meu potencial na vida e na academia, e por guardar a grande obra “Mãeminsinô” que será exposta na instalação desse projeto, te admiro e amo estar na sua companhia. Ago, ago meu irmão Victor Albino, agradeço pela caminhada, pelas trocas, por me fazer ser sua referência e ser para mim também, agradeço por me ensinar a rezar o Orí e entender que Orixá anda junto com a gente a todo momento, e que nutrir o Orí é segredo pra ter uma vida boa, obrigado pela confiança em compartilhar os segredos e as sabedorias, te amo. Agradeço a Flor Odara, e todo seu encantamento como uma boa filha de Oxum, por ter aparecido subitamente nos meus caminhos e me ensinado o que é paixão à primeira vista, tá doido em negona. Por me ensinar que Oxum nunca vai me negar amor, e por ser a musa inspiradora de uma das minhas poesias mais bonitas, agradeço também por ter sido escuta, sobre a morte da minha mãe, quando ninguém podia me ouvir, e de me fazer entender que agora sou a própria extensão viva da vida de minha mãe, assim como você, para a vida de sua avó, te amo pra sempre. Agradeço ao Akinn, por me ensinar que o afeto também vem do toque, que eu também sou digno de carinho, de amor, de cuidados e mimos, e que por muitas vezes, o amor vai nos transbordar a fala, tendo que partir pros apertões, coceguinhas, beijocas e muitos cheiros, e pelos cortes de cabelo e bigode, obrigado por me amar do jeitinho que eu sou. Agradeço ao Eunico, por toda sensibilidade em enxergar o mundo, por toda sinceridade, por todo o amor compartilhado, por me ver enquanto referência e acreditar no meu trabalho, por me dar muitos amassos e beijocas junto com Akinn, por me colocar nos planos de vida futuro, por me ajudar a compor a instalação desse mesmo projeto, te amo, mano. Agradeço a Luana Britto pelo acolhimento quando cheguei na cidade dela, por me ensinar a ser um agente

cultural de verdade, por manter a cultura do recôncavo viva e contínua, por ser uma das sambadeiras mais disifude de Santo Amaro, por me olhar com amor e carinho, e por me ensinar, de fato, o que é ser leal a alguém, te amo porrinha. Agradeço a Sabrina, pelo cuidado, pela moqueca de ovo mais gostosa do mundo, por me acolher nos momentos de vulnerabilidade e oferecer um prato de comida, por compartilhar as sabedorias do candomblé, por me querer bem só pelo olhar, por me infiltrar na sua família e mais uma vez me fazer entender que família a gente cria, e principalmente por ter me dado a dádiva de poder participar ativamente da vida de Pedro e Beijamin, seus filhos são como meus, e até onde eu puder ajudar para que eles cresçam bem e com saúde, estarei aqui, obrigada minha irmã, pelos cinquenta baseados fumados por dia e pelas resenhas trocadas, amo vocês. Quero agradecer a casa da Travessa Silvano, 4, Lucas Lemos, Paulinho, Gab, Pinguim e Adam por sempre me acolherem nas idas a Salvador, por compartilhar dos bons momentos e me dispor mais uma vez da possibilidade de me enxergar em uma outra família, obrigado por serem família. Agradeço a Andressa por compartilhar histórias de vida, por cozinhar, por se preocupar em me dar a grana do corte de cabelo, por se preocupar com minha saúde, com minha presença e por cuidar de mim. Agradeço também pelos repertórios musicais compartilhados, você é a mais vaqueira de Serrinha, Heeeee Tchê tchê tchê. Agradeço a Amora por me ensinar a objetividade que preciso ter para concluir meus planos e projetos, por me incentivar a ler livros, e por poder acolhê-la em um dos momentos mais difíceis da vida dela. Agradeço a Liginha, meu grande amor, minha companheira, meu mel, minha negrona dos olhos terríveis, minha cheirosa, meu morango do sudeste, que em meio de tantos terremotos emocionais e ausências, me deu colo, se fez casa, escuta, carinho, mimos, e muito amor, obrigada pelas músicas compartilhadas, te amo nesse caminho árduo que a vida é, e espero cada dia mais poder viver intensamente as descobertas ao seu lado. Agradeço pela vida de Jhon, Karina, Yuna Flor e Arumã, essa família linda que merece tudo de bom que há no viver. Agradeço aos meus amigos, Laísa Ojulepa e Eleerin, Janaina Mello, Louise Mosini, Evelyn, Beatriz Alves, Michel Vasconcelos, Tiago Lins, Juliana Carolina, Márcia Camila, Frog, Karine Alves, Kátia Regina, Thayná Messa, Arthur Nery, Crystal, Jeniffer, Beatriz Garrido, Lux Machado, Marcelo Rocha, Othilia, Ariel, Guevinho, Guill, Lili, por terem passado pela minha vida e contribuído com a continuidade dela, se estou aqui hoje, é porque vocês também estão, e por caminharmos juntos, amo vocês incondicionalmente e sempre desejo os melhores caminhos do mundo para nós, que Deus e os Orixás estejam nos guiando desde agora, para o além. Agradeço imensamente aos meninos do movimento Hip Hop de Santo Amaro, Tom, Buzy,



Big D, Tony, Ênio, Banzo, Maldito, que aos trancos e barrancos enfrentam diversas mazelas do racismo, mas que com muita malandragem e persuasão dão continuidade à cultura do MC dentro da Batalha do Xadrez, vocês são o futuro. Agradeço a todos os relíquias que fazem parte da construção do movimento hip hop e funk no mundo e no Brasil, Racionais Mc, Sabotagem, Dinadi, Negra Li, Black Alien, Trilha sonora do Gueto, Ao Cubo, Facção central, RZO, Planet Hemp, Rael Emicida, Projota, Rashid, Pentágono, Afrika bambaataa, DJ Kool Herc, Nelson Triunfo, Irmãs de pau, Mc Daleste, Mc Felipe Boladão, Bob Boladão, Mc Pocahontas, Mc menorzinha, Mc neguinho do caxeta, Mc Kevin, Mc Nego Blue, Mc Hariel, Mc Pedrinho, entre outros.

Agradeço aos meus professores do Ensino Fundamental e Médio, Chrystyan Gomes, Lélé Gomes, Pedro, Gonçalo, Rogério, Naraã, Will e Tia Rosana da cozinha, que também fizeram um sarau para custear minhas passagens e estadia por um tempo em Santo Amaro, até eu conseguir bolsa permanência e me estabilizar, sem vocês, minha vinda para a Bahia estudar não seria possível. Obrigado por quebrarem o estigma que eu tinha, de aluno problema, ou aluno esquecido, e entender que na verdade eu só não correspondia às normas que o sistema educacional brasileiro nos impõe. Talvez se existisse mais professores como vocês, muitos alunos afrodissidentes não teriam desistido de seus sonhos, a favela vence sim, é só a gente se movimentar em coletividade para isso. Agradeço também aos professores que fizeram uma diferença enorme nos meus processos acadêmicos e de existência nesses 6 anos de UFRB, a esses, Rita Dias, Renata Gomes, Laura Bezerra, Luciano Simões, Viviane, Larissa Lacerda e Mariana Ballen, devo minha gratidão. Obrigado por acreditarem nos meus caminhos e fazerem esse diploma se tornar realidade. E especialmente a Ana Uripia que me orientou nesse trabalho.

Agradeço também às instituições, comunidades tradicionais e sobretudo aos coletivos que me convidaram para trabalhar junto e compartilhar conhecimento, credibilizando minha trajetória e meu trabalho enquanto potencializador de saberes, sendo esses, E.E Antonio Alves Cruz, Quilombaque, Batalha da Casa de Hip hop de Perus, Batalha da Inácia, Coletiva Ocupação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, PTAC-ITB, Afrociclo, CRIA, Batalha do Xadrez, Quilombo d'oiti, Quilombo São Francisco do paraguassu, Cidade de Santo Amaro, Bicult, Aquilombar, Ilê odê Laila, Léo de Xangô. Agradeço também a todos aqueles que posso ter me esquecido de colocar aqui, aos que eu não quis colocar, aos que não torcem pela minha vitória, e aos que me enxergam de longe e não chegam nem perto, vocês também fazem parte desse processo vitorioso que faço da minha vida.

## RESUMO

O presente memorial busca refletir sobre a brincadeira de empinar pipa como prática cultural, artística e educativa, com foco nas narrativas das periferias brasileiras. Inspirado pela figura do Erê, das religiões de matriz africana, que simboliza sabedoria ancestral e o imaginário lúdico infantil, buscando na figura das crianças, autenticidade para lidar com as mazelas e adversidades do mundo, o estudo propõe investigar a pipa como um instrumento de criação artística e espaço de construção de conhecimento, conectando aspectos de memória, identidade e pertencimento. A brincadeira da pipa é analisada enquanto manifestação cultural periférica, majoritariamente associada a crianças e adolescentes negros, e como forma de enfrentamento às violências estruturais impostas por sistemas hegemônicos, racistas e excludentes, que não se interessam pelas narrativas e perspectivas culturais da infância de pessoas negras e não brancas. O trabalho estrutura-se em três etapas principais. A primeira explora a história e evolução das pipas, seu simbolismo e suas linguagens culturais, como os códigos, gírias, aerodinâmica e artes visuais. Nesse contexto, a pipa é entendida como uma ferramenta de comunicação identitária e de transmissão geracional de conhecimentos. A segunda etapa apresenta uma metodologia prática, desenvolvida por meio de oficinas, que utilizam a criação e a confecção de pipas como recurso pedagógico e artístico. E a terceira, com uma instalação artística que será o produto final desse trabalho, no qual diversas linguagens artísticas serão trazidas, compondo o imaginário que se cria a partir da brincadeira da pipa. A metodologia combina artes visuais, como pixação e grafite; arte da palavra e das poesias de rua; e práticas tradicionais periféricas, integrando essas experiências com saberes ancestrais e sensibilidades de memória. Além disso, o projeto tem a interdisciplinaridade como eixo central, cruzando linguagens artísticas, educacionais e culturais para nutrir espaços de aprendizado que promovam o reconhecimento das singularidades identitárias de corpos negros- racializados, e periféricos. O projeto também reflete sobre a capacidade da criança de produzir conhecimento autêntico, desafiando perspectivas adultocêntricas. Como desdobramentos, o memorial aborda iniciativas como as oficinas realizadas na Universidade Livre do Teatro Vila Velha, em Salvador, o projeto “Erê nas Encruzas: Meu Pé de Palavra Rima”, a oficina dentro do quilombo D’oiti, e a primeira oficina que dei em São Paulo e como foi minha experiência dentro do meu território natal, valorizando brincadeiras tradicionais e a autonomia das crianças na construção de narrativas e identidades culturais. A proposta destaca a pipa como símbolo de resistência cultural e criação coletiva, contribuindo para a manutenção de saberes culturais, enfrentamento de violências de estigma e reafirma os processos de ressignificação de corpos e narrativas afrodissidentes no território brasileiro.

**Palavras-chave:** pipa; artes visuais; identidade cultural; brincadeira; interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

This project seeks to reflect on kite flying as a cultural, artistic, and educational practice, focusing on the narratives of Brazilian peripheries. Inspired by the figure of Erê from Afro-Brazilian religions—symbolizing ancestral wisdom and the playful imagination of childhood—it highlights the authenticity found in children to confront the hardships and adversities of the world. The study proposes investigating the kite as an instrument of artistic creation and a space for knowledge construction, connecting aspects of memory, identity, and belonging. Kite flying is analyzed as a peripheral cultural manifestation, predominantly associated with Black children and adolescents, and as a means of confronting the structural violence imposed by hegemonic, racist, and exclusionary systems that disregard the narratives and cultural perspectives of Black and non-White childhoods. The work is structured into three main stages. The first explores the history and evolution of kites, their symbolism, and cultural languages, such as codes, slang, aerodynamics, and visual arts. In this context, the kite is understood as a tool for identity communication and generational knowledge transmission. The second stage introduces a practical methodology developed through workshops that use kite creation and crafting as pedagogical and artistic resources. The third stage culminates in an artistic installation—the final product of this work—featuring diverse artistic languages that compose the imaginative space created by kite flying. The methodology combines visual arts, such as graffiti and tagging; spoken word and street poetry; and traditional peripheral practices, integrating these experiences with ancestral knowledge and the sensitivities of memory. Additionally, the project places interdisciplinarity at its core, intersecting artistic, educational, and cultural languages to foster learning spaces that promote the recognition of the unique identities of racialized Black and peripheral bodies. It also reflects on the child's capacity to produce authentic knowledge, challenging adult-centric perspectives. The research expands on initiatives such as workshops conducted at the Universidade Livre do Teatro Vila Velha in Salvador, the “Erê nas Encruzas: Meu Pé de Palavra Rima” project, the workshop held at the D’oiti quilombo, and the first workshop given in São Paulo. It explores the author’s experiences in their native territory, emphasizing traditional games and the autonomy of children in constructing cultural narratives and identities. This proposal highlights the kite as a symbol of cultural resistance and collective creation, contributing to the preservation of cultural knowledge, confronting stigma-related violence, and reaffirming processes of re-signifying Afro-diasporic bodies and narratives within the Brazilian context.

**Keywords:** kite; performing arts; cultural identity; play; interdisciplinarity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Eu, Luana Brito e Frog no meio do mangue no quilombo São Francisco do Paraguaçu em 2019 .....	26
Figura 2 –	Eu, Rony, Luana e Caio Frog no Quilombo São Francisco do Paraguaçu ..	27
Figura 3 –	Minha turma de monitoria de Tecnologias audiovisuais .....	27
Figura 4 –	Estágio PTAC-ITB- FLICA 2024- Palco Raízes .....	28
Figura 5 –	Eu, minha mãe e meu irmão no aniversário dele quando criança (eu tinha medo de câmeras fotográficas) .....	30
Figura 6 –	Processos de construção da pipa figurino, junto com as pipas pequenas que foram elemento da saia de folha de bananeira fazendo referência a saia do Nego Fugido .....	34
Figura 7 –	Pipa figurino inteira .....	35
Figura 8 –	Mini pipas com nome de mulheres escravizadas e importantes para a trajetória do povo preto na Bahia, segundo Baba Geri e Baba Sérgio. Incluí o nome de minha mãe nesse processo .....	35
Figura 9 –	Carrapeta 70 CM .....	38
Figura 10 –	Peão treme - treme .....	39
Figura 11 –	Quadrada 50 cm .....	39
Figura 12 –	Rabo de pano 70 cm .....	40
Figura 13 –	Quintal lá de casa, em Perus, onde vivi minha infância toda .....	42
Figura 14 –	Pipa confeccionada pelos meninos da favela do Anizio em Osasco-SP .....	53
Figura 15 –	Pipa confeccionada pelos meninos da favela do Anizio em Osasco-SP .....	53
Figura 16 –	Pipas confeccionadas .....	54
Figura 17 –	Confeccionando pipas com as crianças, e incentivando elas a desenharem suas identificações .....	54
Figura 18 –	Representantes do coletivo “DNPN” e toda galera que colaborou para monitorar as crianças e auxiliar na oficina .....	55
Figura 19 –	Tipografia de alfabeto de pixação produzida por mim mesmo. (primeira versão) .....	64
Figura 20 –	Pixação “MALANDRANDO” .....	65
Figura 21 –	Pipa com tipografia minha, com a pixação “MÃEMINSINÔ” .....	66

Figura 22 –	Exposição 3 anos Grão .....	66
Figura 23 –	A pipa obra “MÃEMINSINÔ” .....	67
Figura 24 –	Oficina nas escolas Municipais de Santo Amaro e Acupe, junto com o CRIA no projeto Cultura.rec .....	67
Figura 25 –	Oficina de confecção de pipa no quilombo D’oiti .....	68
Figura 26 –	Quilombo D’oiti .....	68
Figura 27 –	Pipas do grupo “Pipeiros da Malvina”. Vila Malvina foi o bairro em que morei durante 19 anos da minha vida em Perus-SP. Eles são um grupo de pessoas que se juntam na vila pra empinar pipa juntos e entrar em combate com pipas de outros lugares do Bairro .....	69
Figura 28 –	Pipa “Malvina” .....	70

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>A PIPA NO CONTEXTO DOS IMAGINÁRIOS E CULTURAS DA INFÂNCIA</b> .....	17
<b>3</b>	<b>NAS LINHAS DA ESCRIVIVÊNCIA: A BRINCADEIRA DA PIPA NA PERIFERIA</b> .....	22
<b>4</b>	<b>MINHA TRAJETÓRIA NO BICULT</b> .....	23
<b>5</b>	<b>TUDO QUE NOIS TEM É NOIS</b> .....	29
5.1	E QUEM NÃO TEM? “MANDA BUSCA” .....	31
5.2	ALÇANDO O VOO .....	31
5.3	DISBICA, AÍ! .....	35
5.4	AERODINÂMICA DAS PIPAS- MEDIDAS DOS TAMANHOS- CROQUI DE MODELOS “MÃEMINSINÔ” .....	38
5.5	DO QUINTAL DE CASA, NÃO VEJO MAIS PIPA NÃO VEJO MAIS NADA.	40
5.6	POESIA DE RUA É POESIA RIMADA, É POESIA FALADA .....	42
5.7	AVOEI DE SANTO AMARO, FUI SER PIPA EM SÃO PAULO .....	51
<b>6</b>	<b>AS OFICINAS E A INSTALAÇÃO</b> .....	56
6.1	A CONFECÇÃO DAS PIPAS .....	56
6.2	EMPINANDO AS PIPAS .....	57
6.3	INSTALAÇÃO ARTÍSTICA “MÃEMINSINÔ” .....	58
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62
	<b>APÊNDICE A – Portfólio de imagens</b> .....	64

## 1 INTRODUÇÃO

Algumas religiões de matriz africana na diáspora, como o candomblé e a umbanda, reconhecem na figura do Erê, representada pela criança, uma poderosa fonte de sabedoria ancestral. Neste trabalho, ao trazer a entidade e a simbologia do Erê para o centro do projeto, busco direcionar o olhar para a infância que desejo retomar e colocar como protagonista: a de crianças e adolescentes negros, como afirma os autores:

[...] marcado tanto pela violência física como pela simbólica, a necessidade de compreensão das particularidades das infâncias negras (DAMIÃO, 2007) e de suas culturas lúdicas, bem como da cosmopercepção africana e afro-brasileira que lhes fornecem os elementos simbólicos que as vitalizam e que falam de sua ancestralidade [...] (Urpia; Dos Santos Conceição, 2022, p.190).

Essa escolha reflete a necessidade de dar visibilidade a uma infância marcada pela resistência e pela luta frente às inúmeras mazelas impostas pelo racismo estrutural, que nega, e inviabiliza, muitas vezes, o direito da criança negra de vivenciar seu período da infância, e criar suas narrativas, notado que a infância é um espaço de construção de saberes e percepções. Negar esse período e essas narrativas, é dar continuidade a uma estrutura hegemônica que foi feita para excluir.

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a brincadeira da pipa, especificamente, sobre a cultura de empinar pipa nas periferias. Tomando o objeto pipa como criação e instrumento da criação artística nas diversas linguagens que o compõem, e o ato de brincar como espaço de construção do conhecimento. O imaginário infantil da criança é visto como possibilidade de novas interpretações e visões de mundo e da sociedade.

Além disso, proponho usar o lugar sensível da memória como técnica inteligível de retomar a nossa criança interior, mesmo não estando mais na infância, mas entendendo a importância de reconsiderar esse lugar. Partindo da maneira genuína e com a autenticidade resolutiva das crianças, é possível superar ou desempenhar maneiras de enfrentamento a algumas adversidades que o “Cistema” racista, misógino, machista, transfóbico e higienista impõe para nos colocar à margem. A partir disso, entendo a necessidade de ficarmos atentos para quais são os corpos que se inserem na brincadeira da pipa, e que a mantém viva, reforçando a identidade nacional do território onde é praticada, e, particularmente, o meu processo de entender a brincadeira da pipa enquanto espaço de comunicação e construção identitária, ou seja, de pertencimento e afirmação de raça, gênero e territorialidade.

Em um primeiro momento, iremos entender de onde possivelmente foram os registros das primeiras pipas, quais eram seus funcionamentos, suas transformações e como foi entendida e experienciada como brincadeira tradicional das periferias. Os códigos e gírias de linguagem estabelecidos na brincadeira, o nome dos modelos/design, aerodinâmica das pipas e materiais de confecção; A criação das artes visuais escolhidas e colocadas em cada pipa, a partir da subjetividade do olhar do indivíduo inserido em sua cultura/comunidade, e na subjetividade de seus pares. Mantendo assim, a cultura do brincar e de empinar pipa mais interativa, dando espaço ao conhecimento a partir de diversas linguagens, sendo elas artísticas, de conhecimento científico e matemático, e com um mar de possibilidades para enfrentar a vida de maneira mais leve e com outras perspectivas.

Em um segundo momento, darei espaço para um dos meus lados mais sóbrios, o de arte educador. Desenvolvi uma metodologia de aplicabilidade, através das minhas oficinas, baseada em minhas práticas brincantes com a pipa; meus processos artísticos-culturais na montagem das visualidades (desenhos e tipografia), que coloco nas folhas das pipas. Atribuo à minha tipografia de criação, minhas experiências com pixação, e grafite no gênero bomb; e as poesias que faço baseado nas minhas vivências. A desenvoltura das oficinas são projetadas a partir das minhas vivências artísticas e na realidade que nós, artistas urbanos e periféricos retratam, e no quanto acredito nelas como potencializadoras de retomar nossos saberes ancestrais, como no artesanato de construir as pipas, e sob o viés da sensibilidade da memória, que nos leva diretamente a olhar para trás, para entender quais os próximos passos que precisamos propor para fazer a manutenção da cultura do brincar, mas também dos próximos passos que daremos para enfrentar as violências e criar novas narrativas que fujam do estigma que são designados para corpos afrodissidentes.

Colocarei a interdisciplinaridade como espaço para encruzilhar todos os meus conhecimentos e as pluralidades que nós, enquanto sujeitos culturais temos e adquirimos durante a vida. Quando resgato diversas vezes que meu trabalho associa diversas linguagens artísticas e educacionais, posiciono-me no contexto da perspectiva interdisciplinar, na tentativa de nutrir espaços que a levem em consideração, na construção do conhecimento, seja no vivenciar das brincadeiras tradicionais e culturais das periferias, que se mantém geracionalmente transmitindo conhecimento, afirmação cultural e identitária, dentre suas singularidades; até as metodologias dos sistemas de educação do nosso país; E trago, através da brincadeira da pipa, universos plurais para imergir, inclusive a possibilidade de fazer do objeto pipa, uma tela, onde eu possa desenhar e expressar todas as minhas trajetórias,



subjetividades artísticas e interseccionais. E tudo isso, partindo da experiência de vestir um corpo negro racializado, transmasculino e periférico, pelas ruas de Santo Amaro da purificação, e por todas as outras do mundo, pelas quais passarei.

Importante sublinhar que essa metodologia que compartilharei aqui, iniciou quando fui convidado pela primeira vez a dar oficina de pipa para a Universidade Livre do teatro Vila Velha, em Salvador- BA. As oficinas eram para ensinar o grupo de teatro a confeccionar pipas, e em segundo momento usar as pipas como cenografia para a peça de teatro “Mitologia dos mares”, que consistia nas pipas livres, a céu aberto no farol da Barra.

Em 2023, tive um projeto selecionado pelo edital do CRIA 2.0 e financiado pela BRACELL, “Erê nas encruzas: Meu pé de palavra rima”, é voltado diretamente para brincadeiras tradicionais da infância, que são passadas geracionalmente, ou seja, de uma geração para a outra de modo que não se perca. Como a contação de história, empinar pipa, jogar capoeira e mais um leque de possibilidades para se oferecer, em troca de uma boa observação das reações das crianças, e as proposições feitas por elas mesmas, a partir dos estímulos das brincadeiras, jogos e criações artísticas propostas pelo nosso coletivo a partir do projeto. Acredito na autonomia da criança na infância, principalmente daquelas que trazem consigo conhecimento e identidade do povo negro, e dos povos tradicionais dos nossos territórios. Credibilizar e aprofundar as propostas trazidas pelas crianças quando são provocadas por algum objeto que aponta para uma atividade culturalmente compreendida como lúdica, sendo elas, capazes de produzir conhecimento, é deixar a velha perspectiva de que as crianças são seres desprovidos de autenticidade e que são meros acompanhantes dos adultos a espera do que se aprender, para reproduzir. É compreender que elas são participantes e criadoras ativas da cultura e de culturas lúdicas. Elas não são meras reprodutoras.

## 2 A PIPA NO CONTEXTO DOS IMAGINÁRIOS E CULTURAS DA INFÂNCIA

Este estudo dialoga com as ideias de Manuel Jacinto Sarmiento apresentadas em seu artigo “Imaginário e Culturas da Infância”, no qual o autor oferece uma perspectiva sobre a infância como um período essencial para a formação de novas percepções do mundo. Segundo Sarmiento, o imaginário infantil se entrelaça com as realidades concretas vividas pelo indivíduo – sejam elas em contextos culturais, identitários, territoriais, ambientais ou políticos – contribuindo para criação de novas concepções, influenciando práticas culturais e educativas. Isso se aplica, inclusive, à brincadeira de empinar pipa nas periferias, um exemplo significativo de manifestação cultural e expressão identitária.

Sarmiento argumenta que a infância é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do imaginário e das culturas locais, pois as crianças são agentes ativos na construção de significados e na transmissão de valores culturais. O autor destaca a autonomia criativa das crianças e a importância de valorizar suas experiências e perspectivas, especialmente no que se refere ao brincar, imaginar e criar, dentro de seus contextos culturais. O autor afirma que:

O imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança em seu processo de crescimento, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo (Sarmiento, 2003, p. 1).

Embora a capacidade imaginativa seja uma característica natural da infância, ela não se desenvolve de forma isolada, é profundamente influenciada pela cultura e sociedade em que a criança está inserida. Esses contextos oferecem elementos simbólicos — como histórias, tradições, mitos e regionalismos — que alimentam e moldam o imaginário infantil. Na brincadeira da pipa, podemos aplicar, por exemplo: Uma criança de uma vila distinta, ainda que no mesmo bairro, pode atribuir significados únicos às suas pipas, incluindo modelos aerodinâmicos, palavras e desenhos específicos. Suas vivências e identidades influenciam a estética e os simbolismos presentes nessas pipas, refletindo na comunicação e na afirmação identitária do indivíduo ou do grupo.

Na Vila Malvina, onde vivi minha infância e adolescência, formavam-se coletivos, como o “Pipeiros da Malvina”, composto principalmente por meninos negros de classe baixa, que se reuniam para empinar pipa nos finais de semana. Como forma de afirmar sua identidade e pertencimento ao território, o grupo cria pipas e uniformes com símbolos, nome

da vila e desenhos que carregam significados específicos para a comunidade. Além disso, Sarmento explora a conexão entre infância e imaginário cultural, ressaltando que brincadeiras tradicionais, e eu, incluo a pipa, funcionam como espaço narrativo para processos criativos, artísticos, educacionais e culturais. Essas atividades lúdicas não se limitam a proporcionar diversão; elas desempenham um papel crucial na construção de identidades individuais e coletivas, na transmissão de conhecimentos e valores culturais.

Nesta investigação da infância como um espaço crucial para refletir novas percepções do mundo, tendo as oficinas de pipa e a ludicidade ligada ao ato de brincar como norte, reconheço a necessidade de me concentrar em uma infância específica. Essa infância escapa ao olhar sociológico hegemônico e ao senso comum, frequentemente moldados por perspectivas brancas e universais. Observo que as oficinas são ocupadas majoritariamente por crianças e adolescentes negros em contextos de dissidência, o que me leva a aprofundar a análise sobre como a brincadeira da pipa pode não apenas acompanhar, mas também fortalecer os processos sociais que envolvem esses corpos.

Pensar em cultura lúdica na América Latina significa, necessariamente, aproximar-nos não só da realidade de crianças negras e de suas experiências subjetivas no mundo, mas também do universo simbólico ao qual essas crianças pertencem, universo este que, em alguns casos, conhecem intimamente; em outros, desconhecem completamente, haja vista o semiocídio (Urpia; Dos Santos Conceição, 2022. p. 190).

Esse enfoque busca combater as invisibilidades impostas por um olhar hegemônico violento e racista, que historicamente marginaliza e desumaniza corpos negros. Ao investigar a pipa como prática cultural, procuro evidenciar sua potência em ressignificar vivências, afirmando identidades e promovendo uma infância que resiste às tentativas de apagamento.

Após a morte da minha mãe, senti a necessidade de mergulhar em meu interior em busca de caminhos que me permitissem enfrentar e superar essa perda tão dolorosa. Nesse processo, encontrei na figura da criança uma potência transformadora, não apenas nas crianças externas, mas na minha própria criança interior, que me reconectou ao gosto pela vida, à saúde das lembranças e aos saberes ancestrais transmitidos por minha mãe.

Ao retomar minha criança interior sob uma perspectiva africana e de diáspora, encontrei a figura e o estado do Erê, uma entidade simbólica profundamente enraizada nos cultos de matriz africana no Brasil, como o Candomblé e a Umbanda. Foi a partir dessa figura que me inspirei para criar meu primeiro projeto cultural, “Erês nas Encruzadas: Meu Pé de

Palavra Rima”. Nessa jornada, assumi o compromisso de explorar os poderes de cura e criação que emergem da autenticidade do estado do Erê, o qual propicia uma reconexão com o lúdico e com a força transformacional da infância, como destacado no trecho:

Sugerimos que o estado de Erê cria um espaço lúdico-transformacional propiciador de saúde psicológica para as comunidades de terreiro, espaço que pode, guardadas as devidas distâncias, ser recriado na clínica do adulto, por meio da construção de uma relação transferencial em que o lúdico tenha lugar. Esse espaço oferece, muitas vezes, um ambiente facilitador que ajuda o adulto a compensar possíveis unilateralidades resultantes de seu distanciamento, às vezes gradual, às vezes violento, de sua alma infantil (Urpia; Dos Santos Conceição, 2022, p. 191).

Ao trazer a figura do Erê para esta reflexão, meu objetivo vai além da busca por ressignificação pessoal, procuro também narrar e valorizar as experiências e subjetividades de crianças e adolescentes negros. O Erê, enquanto símbolo cultural e espiritual, é uma ponte para o resgate da identidade, pertencimento e ancestralidade da comunidade negra, reafirmando o lugar do lúdico como ferramenta de cura e resistência, essencial não apenas para os indivíduos, mas também para a coletividade.

A ideia de território apareceu em diversos momentos neste trabalho, e é imprescindível que voltemos a ela. No contexto das periferias como protagonistas e locutoras de cultura e arte, ressalto a importância desses espaços como agentes ativos na produção simbólica e estética da sociedade. Nesse sentido, o território transcende o aspecto físico e geográfico, tornando-se um espaço de voz, resistência e afirmação identitária, onde as manifestações culturais não apenas emergem, mas também se posicionam como força transformadora no cenário cultural mais amplo. Assim afirma:

Ao brincar, as crianças se apropriam do espaço físico por meio da sua estruturação material e da gestão social dos participantes, delimitando suas fronteiras, defendendo-o de outros indivíduos e subgrupos, criando regras de convivência a partir de inúmeros referenciais culturais ressignificados (De Souza; Becker; Bichara, 2022 p. 127).

Ao afirmar o território como locutor, reconhece-se a capacidade da periferia de narrar suas próprias histórias, criar seus próprios significados e comunicar suas experiências de maneira autônoma e autêntica. A cultura periférica, nesse contexto, é mais do que expressão artística: é uma forma de contestar estigmas, subverter hierarquias e ocupar espaços sociais e culturais tradicionalmente negados ou subvalorizados.

A continuidade do conceito de território periférico como protagonista está diretamente relacionada à ideia de que as periferias são locais de potência criativa, onde a arte e a cultura não apenas representam, mas transformam. Elas funcionam como canais de diálogo e resistência, questionando estruturas de opressão e reivindicando visibilidade em um cenário cultural hegemônico.

Ao rebuscar constantemente essa ideia em projetos artísticos e culturais, reforça-se o papel do território periférico como lugar de pertencimento, memória e criação coletiva. Ele deixa de ser visto como um "fim da cidade" e passa a ser entendido como um centro pulsante de produção cultural. Assim, o território periférico se afirma como locutor, dando voz àqueles que criam e vivem nesses espaços, posicionando-se não como receptores passivos, mas como protagonistas ativos no cenário artístico e social.

Em contato com as escolas públicas de Santo Amaro, percebi como a pipa pode atuar como um elo entre diversas disciplinas, linguagens e atividades escolares, oferecendo uma abordagem pedagógica inovadora. Ao retomar cálculos básicos para medir diâmetros, tamanhos de varetas e cortes das folhas, ficou evidente que a prática lúdica de confeccionar e empinar pipas pode ser uma ferramenta eficaz para auxiliar crianças e adolescentes na compreensão de matérias frequentemente vistas como complexas, como a matemática. A pipa, além de conectar as crianças às suas brincadeiras culturais e tradicionais, proporciona um ensino que respeita a singularidade de suas vivências e desafia os métodos educacionais engessados, trazendo novas perspectivas.

Nesse contexto, as pipas se mostram como mediadoras para a interdisciplinaridade no processo educacional. Por meio delas, é possível integrar conceitos de matemática, física, artes e até mesmo história, alinhando o aprendizado ao universo cultural e lúdico das crianças. Conforme destacado por pesquisadores

... além do aspecto lúdico, de lazer e encantamento, as pipas possuem uma importância fundamental nas pesquisas e descobertas científicas, o que foi possível verificar por meio das relações interdisciplinares surgidas. Isto proporcionou uma metodologia diferenciada, uma vez que perceberam que se podem aprender conceitos das diferentes disciplinas escolares, incluindo a matemática, brincando (Góes; Góes, 2013, p. 1).

Essa perspectiva evidencia o potencial da pipa como um recurso didático interdisciplinar. Não apenas ela facilita a compreensão de conceitos matemáticos, como também abre caminhos para diálogos entre as áreas do conhecimento, incentivando os alunos

a refletirem sobre a ciência presente em suas práticas culturais e tradicionais. Dessa forma, é possível construir um ensino que valorize a experiência lúdica das crianças e amplie seu pertencimento cultural e social.

### **3 NAS LINHAS DA ESCRIVIVÊNCIA: A BRINCADEIRA DA PIPA NA PERIFERIA**

Este projeto adota a escrevivência de Conceição Evaristo como método orientador, conectando narrativas de vida às criações artísticas, especialmente as pipas. Inspirado em *Becos da Memória 2017*, onde Evaristo transforma experiências pessoais e coletivas em narrativas de resistência, este trabalho usa a pipa como suporte simbólico e artístico para contar histórias que refletem as vivências periféricas. A escrevivência, enquanto escrita ancorada na vida, não apenas registra memórias, mas as ressignifica, direcionando o pensar, de que nossas vivências também podem ser fruto de transmissão de conhecimento.

Em *Becos da Memória 2017*, Evaristo apresenta a favela como espaço de luta e memória, destacando a escrevivência como uma escrita que rompe com paradigmas acadêmicos ao centralizar subjetividades marginalizadas. A partir disso, o trabalho com as pipas assume um papel semelhante, resgatando práticas culturais e transformando-as em narrativas visuais e táteis. Cada pipa confeccionada carrega memórias pessoais e coletivas, funcionando como um testemunho artístico de resistência, em diálogo com as vivências das comunidades.

As pipas, além de objetos lúdicos, se tornam em ferramentas metodológicas que integram diferentes saberes. A interdisciplinaridade emerge na relação entre arte, matemática, literatura e história, unindo cálculos técnicos à criação artística e ao resgate cultural. Assim como em *Becos da Memória*, onde literatura e história se cruzam, a pipa conecta práticas lúdicas a processos educativos significativos, reafirmando a relevância das culturas periféricas no ensino e na construção de conhecimento.

Adotar a escrevivência de Conceição Evaristo como base metodológica para este projeto é uma escolha que reafirma o compromisso com uma prática artística e educativa que valoriza as experiências vividas, transforma narrativas pessoais em histórias coletivas e constroi conhecimentos que dialogam diretamente com as culturas e saberes das comunidades periféricas e as tradicionais. Assim como em *Becos da Memória*, onde as histórias das personagens ultrapassam os limites do texto para questionar e transformar a realidade, este projeto busca, por meio da pipa e da escrita vivida, resgatar e afirmar as memórias, as culturas e as resistências das comunidades periféricas. A escrevivência, neste contexto, não é apenas um método de escrita, mas um ato de resistência e uma forma de criar novos sentidos para o fazer artístico e educacional.

#### 4 MINHA TRAJETÓRIA NO BICULT

Quando saímos do ensino médio sempre há aquela ansiedade que nos coloca pra pensar sobre quais são os próximos passos que devemos dar, qual o melhor trabalho, os processos de adentrar a universidade, o medo de não se enquadrar nas notas e perfis que o mercado e os espaços acadêmicos sugerem. Desde criança fui apaixonado pelo universo artístico, e pelas discussões políticas, participei do movimento secundarista de ocupação das escolas, e das ETEC's em São Paulo, ocupando junto com meus colegas e companheiros de aula e luta as escolas “E.E Professor Antonio Alves Cruz” na Vila Madalena e “E.E Brigadeiro Gavião Peixoto” em Perus e a “Delegacia de Ensino- Centro-Oeste” localizada em Sumarezinho-SP. Nos anos de 2015 e 2016 participei dos processos de construção do grupo “Coletiva Ocupação”, que rememora e conta em sua obra “Quando Quebra Queima” as narrativas de corpos dissidentes dentro do movimento de ocupação das escolas. Compareci na maioria das articulações e atos do MPL (movimento passe livre), movimento que surge a partir da insatisfação com as tarifas de alto custo dos transportes públicos e urbanos, e propõe a construção de novas políticas públicas de acesso ao transporte público de qualidade, e efetivação das já existentes.

Quando me formei no Ensino médio em 2016, fiz ENEM e entrei na “Faculdade Metropolitana Unificada”, uma instituição privada, para cursar Serviço Social, e com o tempo fui percebendo que a faculdade privada não era, de fato, o espaço acadêmico ao qual eu fazia parte, as articulações não eram as mesmas, o discurso de raça e dos movimentos sociais eram muito atrasados e eu sentia que não conseguia interagir com as pessoas, por termos realidades de vida muito diferentes.

Em 2018, prestei ENEM novamente e procurei intensamente nos sites do MEC, Universidades que tivessem cursos que abordassem Cultura, arte, políticas públicas, e de cara encontrei o Bacharelado Interdisciplinar em Cultura Linguagens e Tecnologias aplicadas ou o BICULT, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Santo Amaro. Depois de longos dias de articulações com meus professores, familiares e amigos, decidi que era a hora de sair da minha terra natal e estudar em outro estado. Quando cheguei em Santo Amaro, de cara percebi o quão se distanciava culturalmente do meu estado natal, e entendi que a partir daquele dia, minhas percepções, perspectivas e narrativas, seriam outras. Entrar na Universidade Federal, principalmente para quem veio de escola pública, é um troféu pra vida toda, mas estar no Recôncavo, e na UFRB de Santo Amaro, especificamente, é mais do que



só mudar de casa, é entender a construção desse país que chamamos de Brasil, por uma perspectiva contra colonial, que descentraliza a ideia de uma histórica única contada por séculos pelos colonizadores, e dá espaço ao povo negro e indígena e suas cosmovisões de mundo, para um entendimento melhor sobre as estruturas sociais a partir das quais esse país emerge.

Em uma das pesquisas de campo realizadas para o componente Universidade, Sociedade e Ambiente, ministrado pela professora Juliana Borges, tivemos a oportunidade de visitar o quilombo São Francisco do Paraguassu. Durante a visita, foi possível ouvir as narrativas de enfrentamento vividas pelo povo quilombola na luta para garantir o assentamento das terras e o diálogo com o governo. As histórias relatadas evidenciam as inúmeras violências sofridas, muitas vezes associadas às tentativas de invasão das terras por fazendeiros e grandes empresários, frequentemente amparados pelas forças militares.

Além dos desafios enfrentados, uma das observações mais marcantes foi a articulação política entre os integrantes da comunidade, algo que não percebia com a mesma intensidade em alguns movimentos sociais com os quais me envolvi em São Paulo. Isso se deve, em parte, à distância de algumas discussões centrais, como raça e território, que muitas vezes não são priorizadas. Essa experiência me permitiu compreender, mais uma vez, que as lutas sociais só se emanciparão verdadeiramente quando passarmos a colocar as perspectivas de raça, gênero e território à frente de todas as outras questões. No Brasil, essas lutas estão intrinsecamente ligadas à nossa história e à construção do país, que, desde seus primeiros momentos, foi constituído por povos originários, quilombolas e indígenas. Portanto, ao ouvir e refletir sobre essas histórias de resistência, ficou claro que a verdadeira transformação social no Brasil passa, necessariamente, pelo reconhecimento e fortalecimento dessas perspectivas de luta.

Passei por diversos componentes que abordaram diferentes linguagens e contribuíram com minha trajetória até aqui, entre eles os componentes de tecnologias audiovisuais e laboratório de iluminação, que aguçou meus dotes e interesses com a produção audiovisual, principalmente ao que se dizia a respeito de iluminação cênica. Em seguida, comecei a me interessar pela escrita de projetos e a estudar os editais de chamamento público para submeter projetos culturais que tivessem a ver com as minhas linguagens artísticas, e conseqüentemente me interessei mais pelos componentes do curso de PGC “Políticas e Gestão Cultural”. Em 2022, tive um primeiro projeto aprovado chamado “Erê nas encruzadas: Meu pé de palavra rima” pelo Centro de referência integral de adolescentes (CRIA).

Costumo dizer que meu trabalho com as pipas, assim como o BICULT, é interdisciplinar, pois dialoga com diversas linguagens artísticas, e até educacionais. Passo pelo momento da confecção, que é quando uso cálculos matemáticos para medidas de varetas e folhas. Rebusco nas minhas poesias, palavras chaves que tenham haver com minha identidade, ou pensamentos políticos. Depois preciso pensar criativamente nas tipografias que vou inventar para transpassar nas folhas das pipas, nas cores que vou usar para sombras e luz. E na apresentação do projeto, irei usar iluminação, ornamentação, exposição e criar concepções para as obras, a partir dos elementos da cênico da instalação.

O componente de Luz e Iluminação, ministrado por Larissa Lacerda, me fez ter gosto de iluminar espetáculos cênicos, e me centrar nesse momento da minha vida, em ser um profissional da iluminação. Me inscrevi na seletiva do curso de luz e iluminação do PTAC-ITB, e fui selecionado, e em 08 de Julho de 2024 comecei o curso técnico aqui no recôncavo, na cidade de Cachoeira. Consegui meu diploma de técnico em iluminação e agora estou à espera do certificado do DRT, pois agora, sou profissional no ramo de luz e iluminação. O curso do PTAC me proporcionou entrar em contato com diversas empresas de iluminação cênica, e durante os estágios, pude ter diversas outras experiências das que já tinha tido antecipadamente do curso. Vou citar aqui embaixo todos os espetáculos que já iluminei:

– Spiritu Labrador – Rony Blastoyse

SESC Pelourinho

26/01/2024

– Sankofa Beatkillin – Rony Blastoyse- Nago Contact

Recôncavo Afro Festival

07/12/2024

– Boca da encruza

CINE Cachoeira – PTAC-ITB

06/2024 – 09/2024

– Palco Raízes

FLICA – Fundação Hansen

17 á 20 de Outubro de 2024

– V Seminário Saberes dos caboclos na contemporaneidade

Ilê Axé Omorodé Loni Omorodé Oluayé

18 a 20 de Dezembro

– Espetáculo “avós parteiras” – Balé afro do Recôncavo

CECULT – Palco Nicinha do Samba

Abaixo incluirei algumas fotos para ilustrar esses seis anos de muito aprendizado.

Figura 1 – Eu, Luana Brito e Frog no meio do mangue no quilombo São Francisco do Paraguaçu em 2019



Fonte: arquivo do autor.

Figura 2 – Eu, Rony, Luana e Caio Frog no Quilombo São Francisco do Paraguaçu



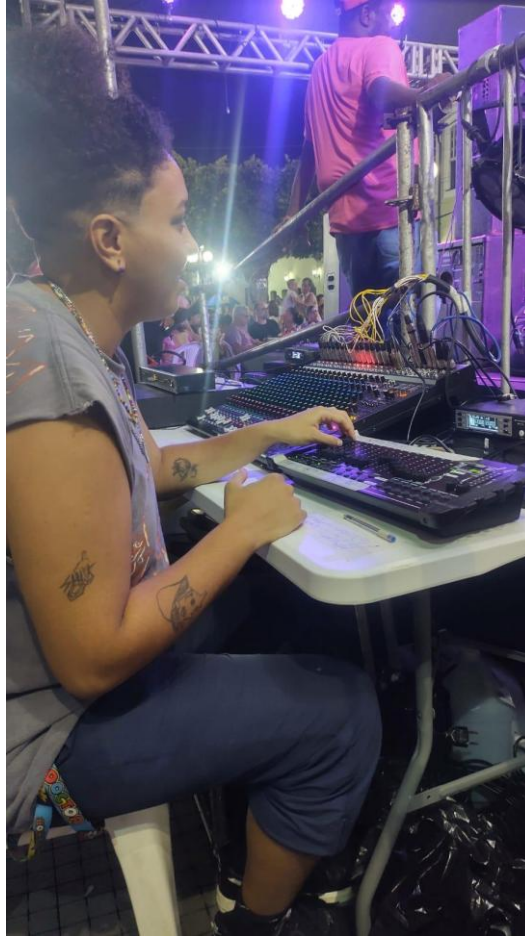
Fonte: arquivo do autor.

Figura 3 – Minha turma de monitoria de Tecnologias audiovisuais



Fonte: arquivo do autor.

Figura 4 – Estágio PTAC-ITB- FLICA 2024- Palco Raízes



Fonte: arquivo do autor.

## 5 TUDO QUE NOIS TEM É NOIS

Sou de Perus-SP, um bairro periférico que se encontra no lado noroeste, quase outro município da cidade grande de São Paulo, bairro esse, citado por mano Brown na música “Da ponte pra cá”, e em um dos salves que Brown dá pras quebradas que já passou, ele diz: “Perus, chicote estrala”. Talvez assim eu consiga, de maneira eficaz, levar todos vocês até meu bairro, mesmo sem nunca terem pisado lá, mas entendendo, a partir da figuração da música, como nos organizamos. E algumas de nossas narrativas, e as que eu me identifico, enquanto morador de periferia de uma das maiores metrópoles do Brasil.

Perus, assim como várias outras quebradas do Brasil, tem estabelecido, na minha percepção, a cultura tradicional de empinar pipa, então começa por aí, a minha inserção no mundo com a brincadeira das pipas.

Minha família se forma com meu irmão mais velho “Gabriel” com 28 anos, eu “Luene Luiz” com 25 anos, e minha mãe “Elisa” 55 anos, que foi mãe solo desde os meus 4 meses de idade e 3 anos do meu irmão, sempre fomos uma família humilde, que dependia dos auxílios do governo e do trabalho da minha mãe para sobreviver. Ela, por muitas vezes, quando não podia estar cotidianamente nas nossas rotinas, nos colocava em cursos de informática, teatro e música. Inclusive toquei violino no Guri Santa Marcelina durante 5 anos. Depois entrei pro circo, natação, futsal, aula de biscuit e sem contar as outras dezenas de possibilidades que ela nos propunha, e uma delas era brincar de pipa na casa dos meus primos Webster Goes e Wesley Goes.

Independente de hoje eu me identificar enquanto um transmasculino, por 19 anos da minha vida fui tratado enquanto uma pessoa do gênero feminino, e de certa maneira meu corpo foi forçado a reproduzir a feminilidade forçada, e em consequência, perpassar por violências que um corpo cisgenero feminino e racializado é acometido. Então, muitas das vezes, quando eu saía pra brincar de jogar bola e empinar pipa na rua, me excluía, a ponto, da minha mãe por proteção, não me deixar sair. E quando olho pra trás consigo enxergar que de fato, eu era uma criança que não correspondia às normas da feminilidade, e talvez por isso, as retaliações.

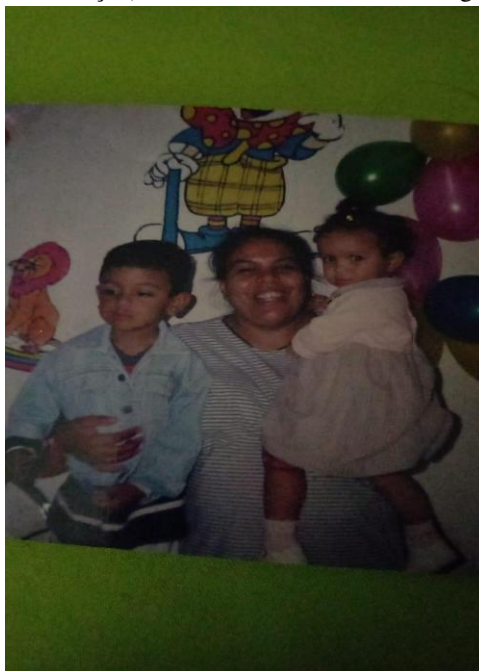
A maioria das vezes, minha maior e melhor companheira de empinar pipa era minha mãe, que passava horas e horas comigo no quintal de casa, erguendo a pipa, pra eu sair correndo, até subir pro céu, eu, e a pipa.

Depois de dezenas de tentativas, eu conseguia, mas ela pacientemente me ajudava em todas as tentativas.

Nunca fui um corpo feminino somente, sempre estive no meio dos meninos e conseguia de maneira mais fácil me sentir à vontade, e não que isso seja um parâmetro na vida de uma pessoa transmasculina, mas que na minha subjetividade, entendo que isso me formou também enquanto pessoa. Minhas primeiras identificações com outras masculinidades, eram dos meus primos e amigos da rua, e todos eles, meninos, ou de meninas masculinizadas, que me chamavam na porta de casa pra empinar pipa e jogar bola na rua.

Meu encontro com a brincadeira da pipa e, conseqüentemente, com a pipa, foi desde muito cedo, de maneira que eu não consigo nem dizer ao certo qual foi a idade que comecei a empinar. Era lindo parar por um bom tempo e ficar observando as pipas no céu e como elas dançavam, as manhãs de café da manhã eram ansiosas pela vontade de sair correndo para rua com minha pipa, lata de linha (antigamente usávamos latas de leite em pó, quem não podia comprar a lata na loja de pipa), cerol, lógico que escondido da minha mãe. Era preciso muita paciência para lidar com a frustração de tentar controlar algo que se move a partir do vento, e ainda se atentar para entrar em combate com outras pipas, de outras crianças de pontos diferentes do meu bairro.

Figura 5 – Eu, minha mãe e meu irmão no aniversário dele quando criança (eu tinha medo de câmeras fotográficas)



Fonte: arquivo do autor.



## 5.1 E QUEM NÃO TEM? “MANDA BUSCA”

As oficinas se iniciam quando fui incentivado por uma ex-companheira, Queisy, a acreditar que meu universo brincante com a pipa era espaço para construção do conhecimento, e me indicou para um trabalho. Logo após, fui convidado pela primeira vez a dar oficina de pipa para a Universidade Livre do teatro Vila Velha, em Salvador- BA. As oficinas foram para ensinar o grupo de teatro a confeccionar pipas, e em segundo momento usar as pipas como cenografia para a peça de teatro “Mitologia dos mares”, que consistia nas pipas livres, a céu aberto, no farol da Barra. Enquanto o grupo interpreta seus personagens, as pipas junto com o mar, faziam da cenografia um corpo/objeto vivo.

Em 2023, tive um projeto selecionado pelo edital do CRIA 2.0 e financiado pela BRACEL: "Erê nas encruzas: Meu pé de palavra rima". Este projeto é voltado diretamente para brincadeiras tradicionais da infância, transmitidas de geração em geração, de modo que não se percam. Entre essas brincadeiras, estão a contação de histórias, empinar pipa, jogar capoeira e muitas outras atividades que oferecem um leque de possibilidades. Em troca, observamos o comportamento das crianças e acolhemos as proposições feitas por elas mesmas, a partir dos estímulos proporcionados pelas brincadeiras, jogos e criações artísticas propostas pelo nosso coletivo através do projeto. Após o impacto positivo que este projeto teve em minha vida, outros coletivos, como o Afrocielo e a Casa do Boneco, em Itacaré, me convidaram para participar de eventos voltados ao público infantil, onde atuei como arte-educador, ministrando oficinas. Hoje, para além de reconhecer a brincadeira da pipa como manifestação cultural, a enxergo como um meio de sustento financeiro, ligado, profundamente, à minha trajetória cultural e com espaço para economia criativa 4. Acredito que posso viver daquilo que produzo artisticamente e culturalmente, e começo a entender as possibilidades de comercializar minhas pipas, como objetos brincantes para crianças e quem mais se interessar, mas como objeto artístico para decorar espaços, servir como adereço de figurinos, entre outras funcionalidades que estou em processo de pesquisa para dar continuidade.

## 5.2 ALÇANDO O VOO

De maneira breve, procurei os primeiros registros existentes do objeto pipa e algumas suposições sobre sua existência, quando pesquisado em qualquer ferramenta de busca da internet ou contado oralmente por amigos, destacando uma passagem do Mestre Jorge Rasta,



um dos líderes do quilombo D'oiti. Embora a questão histórica não seja central da pesquisa, faz sentido fazer alguma contextualização sobre o objeto e a cultura que o envolve desde a sua origem, para que, mais à frente, entendamos as diversas narrativas que quero explorar. Pesquiso a pipa, inicialmente, como uma brincadeira tradicional da quebrada e, posteriormente, como um objeto que pode produzir arte, comunicação, pertencimento identitário, entre outras atribuições culturais que o trabalho vai abordar.

Os primeiros registros da pipa são encontrados na China Antiga e em outras regiões da Ásia Oriental, onde eram usadas inicialmente como instrumento de comunicação na guerra, com o objetivo de intimidar com cores, movimentos aéreos e máscaras autênticas, as tropas adversárias ou, de forma subjetiva, transmitir informações às tropas aliadas que estivessem distantes do seu exército. Com o tempo, a pipa passou a ser utilizada para diversos outros fins. Por exemplo, Benjamin Franklin, que utilizou a pipa para demonstrar que os raios são um fenômeno de alta voltagem elétrica; na China Antiga, serviu como instrumento de comunicação durante a guerra; no México, simbolizava pessoas que faleceram; e na Índia, representava entidades e seres religiosos e espirituais.

Do dia 9 ao dia 13 de outubro de 2024, tive uma vivência no Quilombo D'oiti, em Itacaré/BA e fui convidado pelo coletivo Afrociclo e pelo Pedagogingas para participar das oficinas no Caruru dos Ibejis. Ofereci minha oficina de confecção de pipas para o dia das crianças, e, dessa vez, o intuito era realmente colocar as pipas no ar, após confeccioná-las. Nesse processo, o Mestre Jorge Rasta me felicitou e disse sentir-se realizado ao ver, pela primeira vez, as pipas no céu, pois nas oficinas anteriores nunca conseguimos chegar nesse momento. Disse ter uma importância enorme esse acontecimento ser dentro do quilombo. E para mim, ser dentro do D'oiti, é muito mais que desfrutar de uma paisagem bonita, e confortável, ou para sustentar uma ideia superficial sobre pertencimento de raça. Mas retomar o sentido da vida, através do reconhecimento e pertencimento identitário, pelo viés de uma brincadeira tradicional, continuada e resistida por pessoas negras e dissidentes das periferias brasileiras, e que faz parte da minha própria trajetória. Classifico esse encontro ancestral com o D'oiti, como uma das experiências mais importantes do meu caminhar com as oficinas de confecção das pipas, pois ver as crianças do quilombo construindo pipas junto comigo, foi me ver, na minha própria infância, e entender a importância de estar passando meu legado para frente, assim como meus tios, tias e amigos na infância, fizeram por mim. Quero passar meu legado, meu conhecimento para os meus, assim como os meus me passaram o conhecimento, e assim dar continuidade às culturas de resistência do meu povo.

Para além disso, o mestre me contextualizou que em Kemet, já eram usados objetos voadores semelhantes às pipas, com o objetivo de comunicação, mas também de auxiliar em pesquisas astrológicas e matemáticas. E isso mais à frente virá fazer sentido sem que eu procure qualquer artigo científico ou acadêmico que vá validar se essa informação é verdadeira ou não, porque a aplicabilidade da ideia nas oficinas, faz sentido quando sou questionado sobre as questões matemáticas incumbidas nos processos de construção da pipa, desde o recorte das folhas de seda, até a medida do estirante-chave-cabresto<sup>2</sup>. Com o processo de construção das oficinas, principalmente quando essas são dadas em escolas públicas, percebo a dificuldade das crianças e adolescentes em lidar com os métodos matemáticos que aplico na hora de medir o tamanho das varetas, a equivalência entre elas, e outros processos que a matemática é necessária. Com esse ocorrido, sinto a necessidade de dinamizar em meio a tantas questões matemáticas, explicações mais simples das equações, para chegar aos resultados esperados, ou pelo menos a tentativa de ter o objeto pipa, perfeitamente calculado. E mais uma vez a interdisciplinaridade é rebuscada e obrigada a comparecer como interlocutora de diversas linguagens que voam juntas, fazendo sentido ao céu.

O fato é que a pipa, enquanto objeto, é apenas um artefato projetado para voar. No entanto, quando lhe são atribuídos significados e contextualizações históricas, e quando se soma a outras linguagens artísticas e culturais, ela se torna um elemento importante para comunicar algo. Isso pode variar, desde o pertencimento identitário de um povo, quando percebo que a maioria interessada pela brincadeira são pessoas negras e racializadas das periferias; na naturalidade do brincar das crianças e adultos do quilombo, na relação da brincadeira da pipa com a paisagem natural do quilombo; das crianças nas periferias das grandes metrópoles, que empinam pipas de suas lajes, e representam seus territórios nos desenhos das pipas; até a pipa, enquanto objeto de inspiração artística para comunicar e embelezar o céu, as poesias, as canções e as memórias. Para mim, por exemplo, além de brincar com a pipa desde a infância, tenho a levado como fonte de criação artística, e as relaciono sempre com minhas poesias, meus bombs e pixações, e nas visualidades de artes plásticas que crio. Assim como para Breno Silva em “Tempo de Pipa” (com participação de Sued Nunes), ou para Victor Albino, que compôs uma música baseado nas sensações que teve

---

<sup>2</sup> O estirante é a parte da pipa que conecta sua estrutura à linha principal, formando um triângulo que conecta as linhas verticais amarradas na vareta da pipa, ao meio da pipa, funcionando como um “controle” do voo. A forma como ele é ajustado faz toda a diferença no comportamento da pipa no ar. Se o estirante for muito curto ou muito longo, isso pode fazer a pipa subir com dificuldade, balançar demais ou até perder a estabilidade. Ajustar o estirante é como encontrar o equilíbrio perfeito para a pipa, garantindo que ela reaja bem ao vento e aos movimentos da linha principal.

quando o levei pela primeira vez para empinar pipa, na praia da preguiça em Salvador/BA, ou para o grupo de teatro do Vila Velha que usou as pipas para cenografia de uma peça teatral, ou para o componente de figurino do BICULT, em que criei uma pipa adereço, que compõe o figurino confeccionado por mim, Baba Geri e Baba Sérgio.

Figura 6 – Processos de construção da pipa figurino, junto com as pipas pequenas que foram elemento da saia de folha de bananeira fazendo referência a saia do Nego Fugido



Fonte: arquivo do autor.

Figura 7 – Pipa figurino inteira



Fonte: arquivo do autor.

Figura 8 – Mini pipas com nome de mulheres escravizadas e importantes para a trajetória do povo preto na Bahia, segundo Baba Geri e Baba Sérgio. Incluí o nome de minha mãe nesse processo



Fonte: arquivo do autor.

### 5.3 DISBICA, AÍ!

A brincadeira da pipa, assim como qualquer outra brincadeira ou cultura tradicional, navega geracionalmente entre as famílias, comunidades e coletivos, passando o conhecimento

a frente e o mantendo vivo. Comigo não foi diferente, quem me iniciou no mundo das pipas, além do próprio céu azul anil cheio de pipas, da minha quebrada, foi “Webster Goes”, um primo vizinho de rua, que basicamente me ensinou todas as técnicas de como empinar pipa. Ele me explicava que quando alguém me chamasse para "tirar relo", era um convite/desafio para entrar em confronto com outra pipa, e quem perdesse, seria cortado pela linha do adversário. Apesar de ser maldoso e fazer questão de cortar propositalmente minhas pipas assim que eu as colocava no céu, percebo que foi exatamente esse movimento que me fez aprender todas as técnicas e comunicações da brincadeira. E foi aí, que eu comecei a ter acesso à adrenalina que é controlar um objeto voador, confeccionado artesanalmente por mim, controlado pelas minhas mãos e com intervenções diretas do vento. Além de uma experiência científica com os elementos da natureza e a gravidade, observo que há espaço para uma interpretação poética e figurativa da brincadeira.

Estar no meio de um festival de pipa e não conhecer minimamente os vocabulários e comandos que se usa para determinadas atitudes e movimentos da pipa, é o mesmo que ir jogar xadrez e não saber quais as funções das peças. Então, entendo a necessidade de contextualizar o leitor um pouco, sobre as linguagens de comunicação que usamos dentro da brincadeira, e alguns dos movimentos que usamos para conduzir a pipa. Ao chegar em um festival de pipa, ou na rua da sua quebrada, uma das primeiras coisas que recomendo a fazer é olhar em sua volta e perceber:

- Para qual lado o vento está soprando, assim, você vai saber pra qual lado que sua pipa vai subir, e provavelmente onde estarão as outras pipas.
- Se o espaço for aberto, longe de rodovias, provavelmente as pessoas estarão usando cerol, para facilitar os confrontos, ou seja, ou você leva cerol também (não recomendo porque é proibido por lei), ou escolhe empinar pipa em lugares mais reservados, afim só de brincar e não de disputar.
- Depois que sua pipa já estiver no céu e você ouvir frases imperativas como: "manda buscááááá"(manda buscar), é um alerta oral, de um brincante para o outro, comunicando que ele está preparado para o combate, e ao mesmo tempo, isso pode ser comunicado a partir de movimentos agressivos, e rápidos que cercam a pipa escolhida para o combate, no céu.
- Para fugir desses movimentos de cercamento, você precisa usar a técnica de “desbicar” para fugir ou para criar uma tática de enfrentamento à pipa adversária.

Normalmente, os movimentos de desbicar são feitos com grandes puxões na linha, direcionando esses puxões para o lado que você quer que a pipa vá, junto com o descarregamento da linha do carretel. Essas duas combinações trazem movimentos cruciais para momentos de combate e agilidade.

- Quando você entra em combate com um adversário e ele corta a sua linha e consequentemente você perde a sua pipa, gritamos “relo” do verbo “relar”, simbolizando o toque de uma linha na outra.
- Em diversos momentos da brincadeira/jogo, usamos a técnica de “desbicar” para fazer movimentos para os lados que queremos. Inclusive quando você percebe uma pipa vindo “mandada” (uma pipa que foi cortada por você mesmo ou por outro), o intuito é que você movimente a sua pipa, perseguindo a outra que não tem mais dono, e se enrosque na rabiola, a ponto que elas se embolem no céu, e você consiga ter o controle das duas, e depois traga-as até você. Tudo isso que eu acabei de explicar se chama “aparar”, quando você aparar uma pipa, quer dizer que você tem uma pipa a mais, e que você é tão conhecedor dos movimentos do vento, da aerodinâmica da sua pipa, e das regras da brincadeira, que você conseguiu pegar uma pipa em movimento no céu e trazer até você. Com certeza, esse brincante vai servir de referência para os outros pipeiros, e sua popularidade e subjetividade de empinar, será lembrada. Aparar a pipa do adversário que você cortou e trazer até você é como um troféu do processo de tirar relo.
- Entrelaçar pela rabiola e puxar a pipa do adversário até você se chama “fazer bolo”, uma prática que dá confusão até hoje, e consiste em se enroscar na rabiola do adversário e ver quem ganha na agilidade de puxar na força e na rapidez, a pipa do céu, até o solo.

Existem diversos outros significados para as gírias da brincadeira/jogo da pipa, e vou listar algumas que eu usava:

Desbicar: movimento contrário para baixo;

Descarregar: Quando você solta a linha do carretel ou lata;

“Relo”: Expressão usada quando cortou mais um pipa;

Foi na mão: O pipa foi cortado quase na mão do brincante;

Mandado: Pipa que foi cortado;

Raia: Pipa sem rabiola;



Chapar ou embolar “pegar na rabiola”: Encontro de duas pipas de modo que se enrosquem sem se cortar;

“Tá na mão”: Expressão usada quando se consegue pegar uma pipa voada primeiro.

#### 5.4 AERODINÂMICA DAS PIPAS- MEDIDAS DOS TAMANHOS- CROQUI DE MODELOS “MÃEMINSINÔ”

Para minha primeira oficina desenvolvi alguns slides que simplificam para os brincantes iniciais, ou os que têm dificuldade com matemática, assim como eu, os processos de feitura da pipa.

Todos os modelos que fiz, são modelos conhecidos por diversos territórios do Brasil, porém em cada lugar usam-se nomes diferentes e até medidas diferentes. Escolhi usar os nomes que damos desde criança lá na minha quebrada.

O logo “MÃEMINSINÔ” é colocado nas visualidades das pipas, como maneira de popularizar minha tipografia e visualidade artística para todos que tiverem contato com minha oficina, pois penso na possibilidade de popularizá-la como uma marca de pipas futuramente.

Figura 9 – Carrapeta 70 CM



Fonte: arquivo do autor.

Figura 10 – Peão treme - treme



Fonte: arquivo do autor.

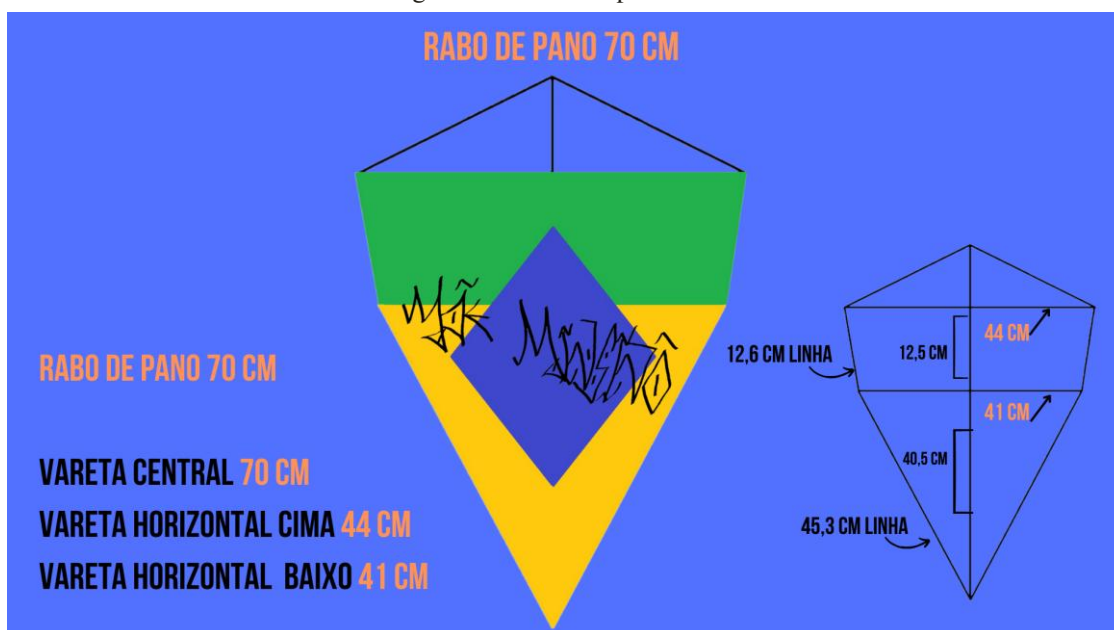
Figura 11 – Quadrada 50 cm



Fonte: arquivo do autor.



Figura 12 – Rabo de pano 70 cm



Fonte: arquivo do autor.

### 5.5 DO QUINTAL DE CASA, NÃO VEJO MAIS PIPA NÃO VEJO MAIS NADA

Tenho uma tia chamada “Izabel”, ela é como se fosse uma segunda mãe, e sempre adorou mexer com plantas e o ato de plantar, inclusive ela me ensinou como a cuidar das plantas e os processos de plantio, e de maneira muito carinhosa e sábia nos ensinava como manter e manusear a terra, e principalmente como respeitar a natureza. Ela plantava diversas espécies de plantas no meu quintal, cresci comendo abacate, manga, morango, banana, legumes e verduras, todas orgânicas, do meu próprio quintal e da terra cultivada por mim e meus familiares. Era um quintal imenso, assim como o amor que sinto pela minha mãe, acho que deveria ter uns 15 metros, ou mais de comprimento e tudo de terra vermelha, é uma das mais fiéis testemunhas da minha infância, dos frutos, das quedas e machucados, dos segredos contados, da minha família e das brincadeiras infindas com a pipa. E foi lá que passei 19 anos da minha vida morando com minha mãe e meu irmão.

Eu passava horas observando a paisagem natural se misturando com a urbana do meu bairro, do céu cortado pelas pipas, do infinito e assustador céu azul nublado de São Paulo. Mas existe uma cena preferida, que é marcante na minha mente, que era olhar minha mãe sentada na porta de casa numa cadeira de ferro, dessas antigas de bar, que abre e fecha, observando por horas o tempo. O vento, assim como na pipa, controlava os movimentos de seu cabelo, e provavelmente trazia sensações, memórias e sentimentos. Eu, ficava por alguns momentos da janela da porta da cozinha, observando ela e pensando “o que será que passa na

cabeça dessa mulher?”, até ela perceber e me olhar com cara de “fui pega no flagra”. Uns cinco dias antes do falecimento da minha mãe, pude reviver essa memória bonita, ela sentada em frente a porta da sala, virada de lado pra porta da cozinha, observando atentamente o quintal, o céu, cheirando as roupas do varal de vez em quando, e respirando fundo diversas vezes, o silêncio era profundo, minha observação também, mas a pergunta ainda era “o que será que passa na cabeça dessa mulher?”.

No dia 30/12/2021 tive umas das notícias mais difíceis da minha vida, a morte da minha mãe, foi como se eu tivesse tomado uma surra da vida, do vento, do ar, do oxigênio, das memórias, dos planos criados, das devolutivas não dadas, do amor incondicional e das culpas culpadas. Confesso que vivi durante anos da minha vida sem ter perspectiva alguma, nada conseguia tirar a antipatia que eu tinha sobre a vida, sobre as crenças, sobre se sentir cuidado, sobre cuidar. Sinto que com um golpe indefensável, o destino me tirou a maior graciosidade que eu tinha, a vida da minha mãe. Fiquei em silêncio durante meses nos lugares, perdi minha facilidade em me comunicar com meus amigos, me distanciei da minha família, me ligava muito a sentimentos de culpa sobre injustiças sociais, me culpava por não ter dado uma vida boa para ela, e o pior de tudo, não conseguia focar nas minhas atividades da universidade e agir com irresponsabilidade nas minhas obrigações.

Com o tempo, comecei a me comunicar melhor com as pessoas próximas sobre a morte dela e os sentimentos que vinham à tona, e um amigo próximo me atentou que eu precisava deixar minha mãe ir, ter uma passagem de luz, e ressignificar o lugar da morte; e que no candomblé a vida não acabava quando a carne morria, que eu era a extensão viva de minha mãe, e que acreditar na ancestralidade e na espiritualidade, era entender que agora, eu era o fruto mais valioso para dar continuidade a tudo aquilo que ela me ensinou. Logo lembrei de um vídeo que assisti do Nego Bispo, em que ele diz que o pensamento euro-cristão faz a gente se basear em metas, datas e calendários, se prendendo a ideia de começo-meio-fim, e que a morte é o final de tudo. Acabamos deixando pra trás os costumes das nossas comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas e de terreiro), que entendem o tempo diretamente relacionado com o ciclo natural da natureza, que nos ensinam que a vida é cíclica, então “começo-meio-começo”. Me fez pensar que descolonizar o pensamento, tem haver diretamente com o modo que se vive no mundo, com resgatar os costumes e vivências do nosso povo em diáspora, levar adiante com sabedoria o conhecimento que meu ancestral me ensinou, e dessa maneira, mantenho a minha memória ancestral viva e, conseqüentemente, a cultural também, sem contar que acabo me desprendendo dos costumes do colonizador. Transformo, então, minha mãe em minha ancestral mais forte, e começo a me relacionar de

outra forma com a partida dela, e hoje entendo que posso senti-la de diversas formas; nas marés crescentes e nas vazantes de Bom Jesus dos pobres, nos ventos frios e quentes das tardes de Santo Amaro, no beija-flor que dorme toda noite no quintal de Victor e vai embora no amanhecer, na mariposa que me visita no quarto de noite, e finalmente, de maneira emocionante e viva, nos desenhos, e nos voares das pipas.

Figura 13 – Quintal lá de casa, em Perus, onde vivi minha infância toda



Fonte: Arquivo do autor

## 5.6 POESIA DE RUA É POESIA RIMADA, É POESIA FALADA

Sempre fui amante das palavras. Desde cedo, amava escrever no diário minhas experiências de vida. Com o desenvolver da vida, comecei a frequentar espaços da cultura Hip Hop, como batalhas de rima, de breaking<sup>3</sup>, Slam's<sup>4</sup> de poesia, e me interessar pela

---

<sup>3</sup> Breaking é um estilo de dança urbana, originado no Bronx nos anos 1970, sendo um dos 5 elementos do movimento Hip Hop, marcado por movimentos acrobáticos e rítmicos ao som de breakbeats.

<sup>4</sup> Uma roda de SLAM poesia é uma competição performática de poesia autoral, destacando narrativas marginalizadas e promovendo diálogo crítico por meio da oralidade. A palavra “Slam” tem uma origem no

literatura brasileira. São incontáveis as vezes que compareci no Slam Resistência, na Praça Roosevelt, no centro de São Paulo, no Slam Marginalia, na Zona Leste de SP, na Batalha da Dominação, que acontece em um dos espaços mais famosos e importantes para o início da cultura Hip Hop no Brasil: o Largo da Estação São Bento. Sem contar as batalhas de rima do meu bairro: Batalha da Inácia, Batalha da Casa de Hip Hop Perus, Batalha na Estação de Pirituba, entre outras que sempre frequentei, enquanto espectador, mas também enquanto ser cultural que se beneficia a partir do pertencimento e participa da continuidade da cultura Hip Hop nas periferias.

Quando chego no Recôncavo, o primeiro movimento de acolhida e integração à comunidade santamarense são dos meninos da Batalha do Xadrez, que acontece na Praça Nossa Senhora da Purificação.

Com o tempo, fui criando novas poesias, conhecendo outras maneiras de estimular a escrita, de formular novas rimas e flows<sup>5</sup>, novos autores e autoras da palavra aqui da Bahia e do Recôncavo. Um dos autores é meu colega de universidade, Luiz Pimenta, que cursa Licenciatura Interdisciplinar em Artes (LIA), no CECULT UFRB, mesmo campus que eu, e que cria cordeis lindos retratando sua subjetividade enquanto alguém do Recôncavo. Deisiane Barbosa<sup>6</sup>, que com sua obra literária e exposição “Casa Amendoeira” me levou diretamente a criar novas técnicas a partir da sensibilidade da memória e da poética que a vida pode ser, em como lidar com as ausências, com as continuidades que temos que dar aos conhecimentos passados pelos nossos mais velhos, e como o território, enquanto espaço de reafirmação identitária, é extremamente importante para o processo de pertencimento. Também como exemplo de impulsionamento à criação artística, seja ela no meu trabalho inteiro, nas folhas das pipas ou na poesia mestra “MÃEMINSINO”.

Quando minha mãe veio a falecer, tive um enorme bloqueio artístico. Não conseguia estudar violão nem escrever mais poesias, muito menos olhar as antigas e me enxergar nelas. Cheguei, em alguns momentos, a pensar que não era um artista de verdade. A arte que produz não se desassocia de quem eu sou e do que eu vivo, sendo um par fiel, que necessita

---

inglês e, etimologicamente, vem do verbo “slam”, que significa “bater com força” ou “fechar com estrondo”. Esse termo reflete a ideia de impacto, energia e emoção na performance das poesias.

<sup>5</sup> “Flow” refere-se à maneira como as palavras e frases são organizadas e entregues de forma fluida, dentro do ritmo e da métrica de uma música ou poesia, especialmente no contexto do rap ou do Slam poetry. É a forma como o rapper ou poeta “desliza” pelas palavras, acompanhando o beat (batida musical) e mantendo a coerência e fluidez no discurso, sem perder o ritmo ou a emoção da performance.

<sup>6</sup> Deisiane Barbosa é uma das minhas escritoras favoritas da literatura brasileira e do recôncavo da Bahia. Baseado na obra “casa amendoeira” dela, consegui atribuir maneiras e sensibilidades novas de escrita poética. Me trouxe leveza, paixão, pausa, tempo, natureza, cheiros e ventos. Obrigada poeta da sensibilidade da memória.

andar junto. Não me associo a qualquer prática que vise somente produzir arte para vender, sem contextualização nenhuma das minhas subjetividades.

Depois de muito tempo mirando em poesias e acertando num mar de tristezas e depreciações, quase como um filho, pari a poesia “MÃEMINSINO”, um filho violentamente vomitado em forma de desabafo. Dou esse nome porque quero fazer referência a tudo que minha mãe me ensinou para que eu estivesse aqui até hoje. Reconfiguro a frase “Mãe me ensinou” para “mãeminsinô” para que caiba geometricamente na tipografia de pichação que criei com essa frase e para que também atenda à fonética da palavra dita de maneira rápida nos flows das poesias de rua rimada.

## MÃEMINSINÔ

*Respeito é pra quem tem (4x)*

*Respeito é pra quem tem*

*Então quem tem o respeito que venha até mim*

*Nasci desse jeito mano, na quebrada é assim*

*Tô sempre no pião andando junto com meu povo*

*Ignorando pela saco que só vem pra atrasar e vive babando meu ovo*

*Tô cansado desse sistema que tira sarro do meu esforço*

*É que eles não tão ligado que eu já fui o fundo do poço*

*Transviado desde pequenininho*

*Dava drible nos maloca*

*Era o jeito de afirmar, que nossa masculinidade afeminada tbm era foda*

*Mas hoje, isso não tem relevância*

*Pois vejo várias criancinha trans dominada pela sede da vingança*

*Isso que pra mim é concepção de esperança*

*Então, erra meu pronome de novo pra você ver*

*Eu convoco os transviado tudo da minha quebrada*

*E a gente vai aí na sua pra quebra vc*

*Você até sente curiosidade quando me vê*

*Estranha meu corpo mas quer me fuder*

*De fode, fode, por fode, fode a gente sacode*

*Só que depois não vem com gracinha de que você queria me ter*

*Tá pagando de maluco?*

*Se tem alguém, que rejeita alguém sou eu ignorando você.*

*Opa, acho que tem um chato me mandando msg  
Parece que viciou na buceta do transviado  
Até te entendo mano, aqui é sem massagem*

*Mas dessas coisas, nois memo se resolve  
Quero ver assumi nosso lance  
Que na noite tem surra de afeto, junto com fode e foge...*

*Gostoso Memo, tem sido transcenstrar  
Mas nunca tomei tanto toco o quanto essas travesti tudo me dá  
Pega visão sua gostosa,  
O afeto te gritando e você aí, procurando o cis*

*Parece até que não tá ligada, que a reprodução da hetero normatividade ainda é viva e uma  
maluquisse, que deixa a gente infeliz*

*Mas, eu não tô aqui pra da bronca  
Só dá aquele salve, que a gente fica no love, que a gente se encontra*

*Muitas vezes a depressão bate e a gente se esquece  
Quem num cuida da mente mano  
O corpo padece*

*Me reuno em coletividade que é pra enxer o coração de amor  
Sempre caminhei pelos caminhos que **MINHA MÃE ME ENSINOU***

*Hoje ela te me guiando de longe  
Mas é toda hora que eu te sinto por perto  
As vezes queria te ver  
Só pra você me dizer o quanto pra você, eu sempre fui um sucesso*

*Mas agora eu sou extensão  
Vejo minhas escrita  
Nossa letra é igualzinha  
Deve ter sido as palmada de educação*

*Continuemos, em conjunto rapazeada  
Pra que essa macumba toda aqui  
Seja sempre legitimada (consolidada)*

*Porque a gente é POTÊNCIA  
A GENTE É POTÊNCIA  
A GENTE É POTÊNCIA*

*Aprendeu a usar o lápis como fuzil  
Pra metralhar a mente desses canalha*

*Parece até que é emprego deles  
Ficar atrás de nois sempre procurando uma falha*

*Logo a gente ?  
Que há mais de quinhentos vem maladriando  
Dando chapéu em europeu otária que chega na Bahia sambando*

*Mas isso é papo pra outro momento  
Hoje aqui tô me sentindo abençoado por todo esse movimento*

*Continuemos se aquilombando e acreditando nos encantados  
Que hoje é só o começo da festa  
Daqui a pouco o mundo inteiro é nosso  
E até no espaço vai ter slam de gira poética.*

Minhas poesias não seguem um padrão de escrita baseado nas gramáticas ou nos métodos utilizados por grandes poetas da literatura, mas sim pelo "flow" que imprimo nas sonoridades das rimas que sequencio.

Compartilho aqui também algumas poesias que me fizeram árvore grande, para resistir ao luto e entender novas perspectivas de vida, e criar planos para o futuro, no amor, no dinheiro, no psicológico, na credibilidade das escolhas dos meus caminho, e na continuidade dos conhecimentos e saberes passados para mim, por minha mãe . Dentre elas estão “Permanência na Universidade-2019”, “Será o estômago o coração-2023?”, “É para lhe devolver amor-2023”, e “Isso que é foda-2023”.

### **Permanência na Universidade**

Permanência na universidade é pra quem é estudado  
aonde ser covarde, não é algo que possa ser programado  
porque a gente é forçado a viver com a mente na maldade

A minha própria situação, faz eu ver como esse sistema que é falho  
quer que a gente que é pobre, viva como um cão

É impossível falar de permanência, sem lembrar da minha ancestralidade  
Eu logo lembro da minha mãe, que ta há mais de 2.000 km dessa cidade

Eita mulher guerreira!!  
Limpa a casa de boy cuzão, que pede que se refira a ele como: patrão  
Ai patrão nosso de cada dia...

Trata empregada doméstica como se fosse a escoria adentrada dentro de sua família 3x

Quantas vezes, minha mãe chegou do trampo dizendo  
que essa semana ela tinha comprado só arroz e feijão  
mas que mais pra frente ela ia trabalhar em vários trampo  
doente  
pra poder nos dar mais condição

E, eu? que nunca imaginei sair da minha cidade  
 Pensava que era pra determinado tipos de pessoas essas coisas de viagem  
 Mas hoje em dia, eu to ganhando o mundo  
 e todo dia morrendo de saudade

Se minha mãe soubesse os perrengue que eu to passando  
 ela se virava em dinheiro  
 porque pra ela, eu e meu irmão sempre foi prioridade

Ela derrama sangue verdadeiro  
 Mãe solteira, que se casou com um doador de espermatozoide  
 e de vez em quando esse cara vem com umas ideia de reciprocidade  
 De que ele não liga, porque a gente se afasta e vai morar pra outras cidades

As vezes eu fico projetando na cabeça, como seria ter um pai presente  
 E sabe o que me vem? Nada! Angustia! Rancos!  
 De saber que minha mãe se mata pra me ajudar  
 e esse verme nem faz questão de me ligar! Nunca fez.

E eu, que nem creio muito em religião  
 Quando to mal, ela me manda dobrar os joelhos e pedir em oração  
 Eu começo a chorar e pedir pra esse tal de deus me ajudar

Mas mal ela sabe, que o deus da minha vida é ela  
 Que me fez crescer e aprender que a gente nessa sociedade  
 jamais poderia faltar maturidade  
 (Luene Luiz, 2019).

### **Será o estômago o coração?**

Ansioso fui, entrei no ônibus e me sentei  
 Senti o vento batendo forte nos meus olhos  
 Antes de chegar  
 Já me sentia tocado  
 Me fez pensar  
 Que se a alma se alimentasse, fosse desculpa pra deixar o olho desaguar  
 Naquele dia, fui infinito  
 pisei na terra  
 Senti a terra  
 Ouvi a árvore, e o vento mexia comigo  
 Volta e meia me lembrava  
 Dos perigos de só sentir, e não ter aprendido a soltar  
 A casa foi aconchego  
 Cada cômodo eu sentia um cheiro  
 Na cortina do quarto do meio  
 Havia memória, invenções de um passado presente  
 Que se fazia história  
 Fartura na mesa, felicidade alheia  
 Barriga cheia é pra poucos



Deveria de ser então  
 O estômago o coração?!?!  
 Lembrei de mamãe  
 Que se foi de repente  
 Mas que se fez presente na casa, na natureza  
 Nas águas fortes das correntezas  
 Nos ventos leves de uma tarde sem tristeza  
 Me fiz semente  
 Quando me cobrava insistentemente  
 Ser árvore grande  
 Retornei, pra poder de fato olhar  
 E descobri que o melhor amigo do tempo  
 É a segurança de acreditar em melhores momentos  
 Me fiz de estômago, poesia e vento  
 (Luene Luiz, 2023).

### **É para lhe devolver amor**

Cidade Calma  
 é o luto da minha agonia  
 Cidade grande onde meu sonho é utopia  
 Sol quente  
 Muito caminho andado  
 Atraso todo dia  
 É que minha mente funciona de atravessado  
 Dor no pé, nas costas e no dente  
 Ser gente grande não é fácil,  
 Viver hj em dia tá diferente  
 Desconto na aguardente  
 Fumo meu prensado, às vezes uma natural  
 Os maconheiro tá ligado  
 que as brisa não são igual  
 Faço um feijão  
 Que cheira bem lá distante  
 Me lembra das comidas de tia  
 Quando eu mato minha fome é  
 um momento emocionante  
 Tomo um banho frio  
 E olho pro horizonte  
 É tanto pensamento  
 Que o ego fica gigante  
 É só projeto brilhante  
 Us menino são viril  
 Submetemos os projetos  
 Na carteira, amanhã é mil  
 É muita tristeza  
 Ver o sofrimento do meu povo  
 Ando cada dia mais rápido  
 Pra puder ajudar os outros  
 O caminho nem sempre é fácil

Mas eu sou muito forte  
 Uso como referência os guerreiros  
 Do nordeste e do norte  
 Não posso me esquecer  
 Dos meus camaradas  
 Que andam devagarinho  
 E com prazer  
 Me mostram a estrada  
 Não posso esquecer  
 Da minha sumpaulo véia  
 Terra de arranha céu  
 Todo dia o mesmo trajeto  
 É nuvem nublando o céu  
 Agradeço a minha mãe  
 Por ter feito quem eu sou  
 Agora tudo que eu faço  
 É para lhe devolver amor  
 Ela que foi pro orum  
 Deixou dois filhos de mente brilhante  
 Caminhemos juntos  
 Que a guerra é constante  
 Te amo meu irmão  
 Logo logo tô me formando  
 Pra gente viajar esse mundo afora  
 E viver nesse mundo amando  
 (Luene Luiz, 2023).

### **Isso que é foda**

É mó engraçado quando a gente se encontra  
 Nada q se encontrava estático fica como tava  
 É q cê é assim, meio do contra

Me confunde da cabeça aos pés  
 Mas tem um eixo que a gente se tromba

E Se você deixa...  
 Eu trampo e enriqueço  
 E no final do mês, a gente nem pensa nos corre q tem que dá e nos preço das conta

A gente se ama  
 sem se cobrar  
 Já pensei num caso sério  
 Mas meu Ori (cabeça), tão sábio  
 Soube me orientar

Fico só, meio inseguro  
 É que o pai aqui é cheio de trauma  
 Mas tento manter a postura

Se bem que é bem difícil

Se manter posturado  
Quando cê chega, fico todo tremulo  
As vezes me perco e as palavra se acaba

É que eu tô tentando entender  
Como que cê conseguiu me ter

É que cê tem o jeitinho  
Que até os malvadão sai de cena  
Pra deixa a cena pu cê  
(Pra vê essa cena linda que é você)

Você me atiça e me leva pra cama  
Me fode e me diz que me ama  
Se pá que eu nem acredito  
O foda é que ela é elegante  
e tem um olhar de safada maldito

Diz que q ter um filho comigo  
Que até q gosta de mim  
A gostosa é mó b.o  
Mas fazer o que se eu gosto assim

Esses dias subi na quebrada  
Tomei coragem em falar p ela  
Vou fazer uma pipa gigante  
E deixar de presente  
Com uma frase bem grande "saudades amor"  
Pendurado na sua janela

Que é pra ver  
Se desse jeito ce me leva a sério  
E aceita ser livre cmg no mundo  
E ser tipo igual essas história  
Mal contada, suja  
Pique "A dama e o vagabundo"

O papo é que eu nem sou todo esse malandrão  
Dois tempo pra tú me fazer de seu  
E me ter na palma da mão

Mas se for melhor pra gente  
Nois vive um romance baseado nos livros  
Aqueles bem cabeçudo que fala de cumplicidade  
Tipo o espírito da intimidade de (Sobonfu Somé)

E fazer do nosso lance um passo de liberdade  
Que nosso encontro possa ser divindade  
Que nosso toque possa ser para além do corpo  
Com cuidado com vontade e sem maldade

A verdade é que cê sempre vai embora  
 Deve ser seu hobbie me dá vários fora  
 mas quando cê me encontra é mó carinho  
 De 1,78, eu fico do tamanho de um pingo, bem pequenininho

Eu sou todo romântico memo  
 A real  
 É q se não for pra ser assim  
 Eu não consigo  
 E digo mais...  
 Eu nem venho  
 (Luene Luiz, 2023).

### 5.7 AVOEI DE SANTO AMARO, FUI SER PIPA EM SÃO PAULO

Em 13 de outubro de 2023, fui para São Paulo, numa dessas idas para visitar os camaradas e a família de sangue. Mas não sabia o quanto me aguardava; era a primeira vez que concretizaria o desejo de voltar, depois de tanto tempo longe, para empinar pipa na minha cidade natal após a mudança para a Bahia. E, mais do que isso, daria minha primeira e, até então, única oficina de pipas em São Paulo.

O coletivo “De Noiz, Pra Noiz” (DNPN), localizado no extremo oeste de SP, mais precisamente na favela do Anizio, em Osasco, me convidou para ser o primeiro oficinairo do projeto. A oficina faria parte de um evento em comemoração ao Dia das Crianças. Fui muito convicto de que a experiência traria novas percepções e reafirmaria as observações feitas nas oficinas realizadas na Bahia. Meu objetivo era constatar a brincadeira como cultura tradicional das periferias e entender, na prática, o que significa “afirmar sua identidade e a identidade de seu território a partir da brincadeira da pipa”.

O processo foi diferente desta vez. O DNPN não podia arcar integralmente com os materiais para a oficina, então nos juntamos à comunidade da favela do Anizio, para procurar materiais e suportes das demandas da oficina. Um dos integrantes do coletivo saiu de loja em loja de pipas, pedindo materiais por meio de doações. Os materiais arrecadados eram diversos, o que transformou instantaneamente a dinâmica e a organização da oficina. Foi um desafio e tanto. Com o tempo, cada criança foi se adaptando às diferenças nos tamanhos das varetas e criando suas pipas a partir de suas subjetividades. Não faltou espaço para mim e meus amigos monitores; também confeccionamos nossas pipas.

Em certo momento, me deparei com duas crianças cujas personalidades se assemelhavam muito à da minha criança interior. Observei-as com cuidado. Um dos meninos,

que atendia pelo codinome “Gordão”, oscilava entre ser alvo de bullying e adoração, autoproclamando-se líder da “Tropa do Gordão” – um grupo de crianças que o reconheciam como representante do território e dos espaços lúdicos que apareciam nas brincadeiras. Com cerca de 10 ou 11 anos, “Gordão” desenhava imagens de palhaços, a sigla “P JL” (Paz, Justiça e Liberdade), e frases como “Chora agora, ri depois”. Uma das inscrições me chocou especialmente: “TD3”.

Na Bahia, “TD3” refere-se a uma das mais antigas facções criminosas organizadas dentro de comunidades. Em São Paulo, o significado não é muito diferente, mas a forma como a bandeira é levantada tem um peso mais naturalizado e normalizado em alguns lugares, outros não. Aqui na Bahia, ostentar “TD3”, seja “levantando bandeira” ou em uma pipa, provavelmente resultaria em retaliações e violências. Já em São Paulo, esses grupos, apesar de serem criminalizados, também atuam de forma organizada nas favelas, oferecendo suporte alimentar, de saúde, moradia, esporte e atividades culturais. Eles são, de fato, vistos como parte da comunidade. De maneira alguma desejo romantizar os processos racistas e genocidas que engendram o mundo do crime, especialmente para jovens negros. Contudo, a partir da minha pesquisa e observação, pude constatar essa complexidade. Outro menino chamou minha atenção por se envolver em todos os processos: organização da oficina, atividades artísticas e até no uso da câmera fotográfica profissional de um dos integrantes do coletivo. Ele acabou se destacando como nosso fotógrafo, capturando imagens belíssimas de toda a oficina. Ver minha criança interior refletida neles me fez resgatar esse lado com mais cuidado, afeto e atenção.

Após horas de pipas confeccionadas, muitas no alto, e momentos de brincadeiras, resenhas e trocas, duas moradoras da comunidade nos convidaram para um “rango” em agradecimento à movimentação cultural na favela. Na casa delas, encontramos uma enorme panela de arroz com calabresa e milho. Não sei explicar, mas aquele prato tinha um dos melhores sabores que já experimentei. Era uma mistura de temperos das “quebradas”, satisfação por estar ali e, claro, boas doses de cannabis na mente. Além da comida, havia outros mimos: cerveja e baseado à vontade. Foi um dia de conexões profundas, aprendizados e celebração da cultura periférica.

Figura 14 – Pipa confeccionada pelos meninos da favela do Anizio em Osasco-SP



Fonte: arquivo DNPN.

Figura 15 – Pipa confeccionada pelos meninos da favela do Anizio em Osasco-SP



Fonte: Arquivo do DNPN.



Figura 16 – Pipas confeccionadas



Fonte: arquivo DNP.

Figura 17 – Confeccionando pipas com as crianças, e incentivando elas a desenharem suas identidades



Fonte: arquivo DNP

Figura 18 – Representantes do coletivo “DNP” e toda galera que colaborou para monitorar as crianças e auxiliar na oficina



Fonte: arquivo DNP.



## 6 AS OFICINAS E A INSTALAÇÃO

O produto artístico-cultural que esse memorial apresenta são as oficinas de confecção e empinação de pipa, seguida da instalação das pipas com as artes visuais produzidas por mim, e na poesia que instiga todo esse trabalho. Como no evento do coletivo “grão”, em que expus minha primeira coleção chamada “MÃEMINSINÔ”.

Em um primeiro momento, a proposta foca no objeto pipa em sua forma tradicional, valorizando a brincadeira típica das periferias e resgatando sua dimensão lúdica e cultural. Em um segundo momento, a pipa se transforma em um instrumento artístico, onde as artes visuais ganham protagonismo ao serem integradas às folhas das pipas. Essa abordagem permite explorar as singularidades e os significados simbólicos de um objeto que, ao voar, conecta memória, cultura e arte em uma experiência única.

Nas oficinas de confecção, inicia-se o processo com uma roda de conversa, criando um espaço em que todos possam se enxergar e reconhecer suas singularidades dentro do coletivo. Esse momento inicial é fundamental para estabelecer uma conexão entre os participantes, promovendo o reconhecimento mútuo e a valorização das identidades individuais. A partir daí, direciono a conversa com perguntas que evocam memórias afetivas, como: quais eram suas brincadeiras favoritas na infância? Quem, entre seus familiares e amigos, era sua companhia preferida para brincar?

Essas indagações funcionam como um convite para acessar a sensibilidade da memória, resgatando lembranças importantes que estão intrinsecamente ligadas às culturas tradicionais e coletivas de cada participante. Além disso, cada indivíduo traz consigo uma subjetividade única, marcada por sua vivência e presença no mundo. Essa proposta busca somar olhares e perspectivas, incentivando uma reflexão sobre a herança deixada por nossos ancestrais e sobre como ela pode iluminar os caminhos que ainda virão. A roda, assim, torna-se não apenas um espaço de troca, mas também de conexão com a ancestralidade e de valorização da continuidade cultural. Depois disso, colocamos a mão na massa mesmo, e aqui embaixo vou listar sequencialmente os processos das oficinas.

### 6.1 A CONFECÇÃO DAS PIPAS

- De início afino todas as varetas de taquara, numa espessura que vai envergar, tornando as pipas mais velozes, mas ao mesmo tempo, vai ter a firmeza para aguentar as forças dos ventos.

- Depois eu corto a folha de seda no formato da pipa que eu escolher, nas oficinas que dou, normalmente escolho as “flechinhas” e uso o comprimento de 36 cm para todos os lados do quadrado.
- Nesse momento, provo as pessoas perguntando sobre quais eram suas brincadeiras favoritas, primos favoritos, amigos e familiares favoritos na infância na hora de brincar, e depois começo a pintar minha folha de seda. Normalmente, induzo que eles acompanhem meus desenhos e sejam provocados a partir das formas do boom, graffiti e pixação, movimentos esses, que existem sobre a resistência do povo negro e periférico que dão continuidade a 50 anos de cultura Hip-Hop, nos guetos e quebradas desse Brasil. As palavras que fantasio a partir dos booms<sup>7</sup> e tipografia autorais de pixação, tem sempre um peso crítico, um posicionamento político, uma crítica política, e sobretudo a reafirmação da minha identidade e a identidade do meu coletivo/família.
- Depois colo a vareta de taquara ao centro da seda/quadrado, deixando o espaço de um dedo na ponta superior, e deixo secar por alguns segundos.
- A fibra de vidro demanda uma atenção maior quando é colada, porque ela fica envergada ao meio horizontal da folha de seda quadrada. Primeiro eu colo do lado esquerdo, abro uma bainha de uns 2cm e passo cola uns quatro dedos acima do final da bainha, e viro a bainha com cola em cima da vareta de fibra de vidro. Depois, espere secar e repito esse mesmo processo de colagem do outro lado, contando com a ajuda de um durex que vai fortalecer a folha de seda, ajudando a vareta a não escapular da folha e rasgando a pipa.
- Esperar por uns 40 minutos até que sua pipa esteja completamente seca.
- Depois eu ensino a como fazer a chave/cabresto/estirante que é o direcionador, onde vou amarrar minha linha de pipa, pra depois desbicar ela no primeiro vento que passar, até conseguir colocar no céu.

## 6.2 EMPINANDO AS PIPAS

Depois de confeccionar, chega um dos melhores momentos que é colocar seu objeto artístico no céu para brincar, mas também para comunicar e afirmar suas identidades. Nesse

---

<sup>7</sup> Os “bombs” são uma forma de marcação visual rápida e repetitiva no grafite, que se consiste em formatos de bombas, bolhas e arredondamentos, associada à identidade do artista e à afirmação de presença no espaço urbano, muitas vezes usada para marcar território e fazer parte da cena cultural do Hip Hop.

momento, você percebe que a maioria das crianças fazem desenhos de suas famílias, de seus animais, símbolos que representam o território onde moram e se identificam.

Quando, enfim, as pipas estão no céu, ensino os movimentos do objeto pipa, aqueles que cito em um dos capítulos:

- Desbicar: movimento contrário para baixo;
- Descarregar: Quando você solta a linha do carretel ou lata;
- Relo: Expressão usada quando cortou mais um pipa;
- Foi na mão: O pipa foi cortado quase na mão do brincante;
- Mandado: Pipa que foi cortado;
- Raia: Pipa sem rabiola;
- Chapar ou embolar “pegar na rabiola”: Encontro de duas pipas de modo que se enrosquem sem se cortar;
- “Tá na mão”: Expressão usada quando se consegue pegar uma pipa voada primeiro.

### 6.3 INSTALAÇÃO ARTÍSTICA “MÃEMINSINÔ”

A instalação estabelece um diálogo direto com elementos da estética periférica, aproximando-se ainda mais dessa identidade ao incorporar referências de amigos e primos próximos, oriundos da mesma periferia de onde vim ou de outras regiões periféricas do Brasil. Essa conexão reforça a autenticidade e a diversidade das experiências periféricas, resgatando vivências coletivas e individuais que permeiam essas realidades.

Elementos cênicos:

- Ornamentação que dialogue com a paisagem natural do Recôncavo. Usaremos folhas de bananeira, palmeira e aroeira para ornamentação base.
- Iluminação Cênica, que será composta por 18 refletores parleds
- Poesia “MÃEMINSINÔ”. Será recitada por mim, no início da apresentação de tcc, mas compondo a instalação também.
- Arames revestidos de material de borracha, simbolizando os fios das ruas, paisagem que soma muito a visualidade que temos, quando colocamos nossas pipas para o alto. Esses serão pendurados em algum lugar específico ao alto.

- Sapatos/tênis/chinelos/calçados em si. Nas periferias há um costume muito grande de pendurar tênis antigos, ou que não usam mais, pelos cadarços em fios e postes de energia elétrica da rua. Quero tentar passar a partir da instalação da mesma estética dos fios das quebradas.
- Camisetas de Vila, que são aquelas que são montadas por coletivos, grupos, famílias e times de futebol de várzea, nas periferias. Os grupos e coletivos que empinam pipa nas quebradas de SP, sempre estilizam suas camisetas conforme os traços da sua própria comunidade.
- Projetor. O projetor irá projetar fotos dos meus amigos que usam as camisetas das quebradas, trechos do documentário “pipinha”, onde meu trabalho é eixo principal acompanhado de outros, entre outras fotos que vão expressar minha identidade enquanto sujeito cultural.
- Som. Com músicas que me remetem à estética periférica, tanto aqui do recôncavo, quanto da minha cidade natal Perus-SP.
- Pipa MÃEMINSINÔ. Por último, mas nem um pouco menos importante, levarei a pipa protagonista da minha exposição na festa de 3 anos do coletivo grão. Confeccionei essa pipa, para expor de maneira visual o quanto minha mãe me ensinou em nossos percursos de vida, e de maneira figurativa, tentei comunicar que ela, para além da carne, está viva, nas minhas memórias, nas comidas que faço, nas decisões que tomo, e até mesmo na minha brincadeira preferida na infância.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto, ao resgatar e valorizar a brincadeira de empinar pipas nas periferias, busca não apenas conectar a infância com suas práticas culturais mais autênticas, mas também transformar esse simples ato lúdico em um poderoso gesto de resistência e afirmação de identidade. Através da confecção e empinação de pipas, a proposta não só revisita as brincadeiras tradicionais das quebradas, mas também as ressignifica como expressões artísticas, que refletem as experiências, memórias e vivências das comunidades periféricas.

Ao adotar a metodologia da escrevivência de Conceição Evaristo, esse projeto aproxima-se da prática da escrita e da arte como formas de resistência, de construção de saberes e de fortalecimento da identidade. A pipa, que inicialmente surge como um objeto lúdico e cultural, assume um papel artístico e simbólico, integrando as artes visuais, a literatura e a história das periferias. Ao incorporar elementos da estética do Hip Hop, da pichação e do grafite, as pipas se tornam narrativas visuais carregadas de significados, transformando cada fio, cada cor e cada forma em um testemunho da resistência cultural e política do povo negro e periférico.

O processo metodológico das oficinas é central nesse projeto, pois propõe um espaço de troca e de reconhecimento das singularidades de cada participante. A roda de conversa inicial, que evoca memórias afetivas e culturais, estabelece um vínculo com a ancestralidade, permitindo que os participantes não apenas compartilhem suas histórias, mas também percebam a riqueza de suas próprias identidades, e se encontrem com seus pares. A confecção das pipas se torna, então, um processo criativo e colaborativo, em que o aprender a fazer se entrelaça com o compartilhar histórias e experiências de vida.

Quando as pipas finalmente ganham o céu, elas não estão apenas voando; elas se tornam uma extensão das vozes e das memórias dos brincantes. No movimento de empinar, ao realizar ações como "desbicar", "relo", ou "chapar", cada gesto se transforma em um símbolo de poder e liberdade, evidenciando a importância da brincadeira enquanto prática de resistência e de afirmação do território. A pipa, com seus altos e baixos, seus cortes e manobras, é uma metáfora das próprias vidas das crianças e adolescentes das periferias: sempre em movimento, sempre em construção, sempre buscando um lugar de expressão e visibilidade.

A instalação artística "MÃEMINSINÔ" complementa e amplia esse processo, utilizando a estética periférica para criar um ambiente imersivo e cheio de significados. A escolha de elementos como as folhas de bananeira, os arames revestidos de borracha, os tênis

pendurados e as camisetas de vila conecta o projeto à paisagem visual das quebradas, reforçando a identidade e a autenticidade das experiências coletivas. O uso de luzes, som e projeções amplia a dimensão simbólica da instalação, projetando a arte da pipa para além do seu voo físico, transformando-a em uma memória viva e palpável.

A pipa “MÃEMINSINÔ” se destaca como o centro simbólico desta exposição, trazendo à tona a memória de sua mãe, e através dela, a continuidade de uma história de vida, de muita luta, resistência e de amor. Ao expor essa pipa, o projeto afirma a importância de reconhecer e preservar as histórias e as memórias, ancestrais, afetivas, maternas e das periferias, valorizando o saber e a cultura de um povo que, apesar das dificuldades, continua a criar, resistir e viver com intensidade.

Este projeto, portanto, se apresenta como uma celebração da cultura periférica, um espaço de expressão e um convite à reflexão sobre como a arte e a educação podem caminhar juntas na construção do pertencimento identitário. Ao integrar a brincadeira de empinar pipas com a arte, a memória e a resistência cultural, buscamos não apenas resgatar o lúdico, mas também dar visibilidade e protagonismo às histórias e aos corpos periféricos, que, como as pipas, almejam alcançar os céus, levando consigo as memórias, os saberes e as culturas de suas comunidades, de seu povo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Isabela. Vocabulário pipeiro. *Agência Mural*. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <http://ec2-44-205-233-11.compute-1.amazonaws.com/web-stories/vocabulario-pipeiro/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

DA PONTE pra cá. Intérprete: Racionais MC's. *In: NADA como um dia após o outro*. São Paulo: Cosa Nostra., 2002.

DE OLIVEIRA URPIA, Ana Maria; DOS SANTOS CONCEIÇÃO, Leandro. O estado de erê como experiência lúdico-transformacional. *Desidades: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, Rio de Janeiro, n. 32, ano 10, p. 189-205, jan./abr. 2022. DOI 10.54948/desidades.v0i32.46705. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/46705/28819>. Acesso em: 10 out. 2024

DE SOUZA, Fabricio; BECKER, Bianca; BICHARA, Ilka Dias. Grandes demais para brincar? Brincadeiras, lugares e territórios lúdico-interacionais na cultura lúdica adolescente. *Desidades: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, Rio de Janeiro, n. 32, ano 10, p. 123-138, jan./abr. 2022. DOI 0.54948/desidades.v0i32.46372. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/46372/28814>. Acesso em: 10 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FRENTIN, Lucas. *A letra e o muro*. Direção: Lucas Fretin. Imagens: Andrea Barbosa. São Paulo: LISA-USP, 2002. 1 vídeo (30 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qH1wsDs5C5c>. Acesso: 10 dez. 2024.

GÓES, Anderson Roges Teixeira; GÓES, Heliza Colaço. A Expressão Gráfica por meio de pipas na Educação Matemática. *In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 11., 2013, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Sociedade Brasileira de Educação, 2013. Disponível em: [https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/pdf/930\\_1505\\_ID.pdf](https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/pdf/930_1505_ID.pdf). Acesso em: 10 out. 2024.

HISTÓRIA dos brinquedos: pipa. Stud história. [S. l., 20--], Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-pipa/>. Acesso em: 10 out. 2024.

A HISTÓRIA da Pipa e por quê essa prática é importante na infância. *A voz da serra*, [s. l.], 13 jan. 2023. Disponível em: <https://avozdaserra.com.br/noticias/historia-da-pipa-e-por-que-essa-pratica-e-importante-na-infancia>. Acesso em: 10 dez. 2024.

NEVES, Daniel. Benjamin Franklin. *Brasil escola*. [S. l., 20-], Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/benjamin-frannklin.htm#:~:text=Em%2015%20de%20junho%20de,fen%C3%B4meno%20el%C3%A9trico%20de%20grande%20intensidade>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PIXO. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (60 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PRINCIPIA. Intérprete: Emicida. *In*: AMARELO. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 21, p. 51-69, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119/5355>. Acesso em: 10 out. 2024.

TEMPOS de pipa. Roteiro: Rafael Ambrosio. Adaptação: Danilo Santos. Direção e Fotografia: Danilo Santos. [São Paulo]: Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias, 2012. 1 vídeo (12 min.). Publicado pelo canal Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8i46CgqIV2c>. Acesso em: 12 out. 2024.

VOAR PIPAS. *Latão 80 cm*. [S. l.], 14 mar. 2018. Disponível em: [https://www.facebook.com/story.php?story\\_fbid=1584200768341904&id=1316982711730379&mibextid=WUal2a&rdid=Q7DdGkh4UibDr4yg#](https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=1584200768341904&id=1316982711730379&mibextid=WUal2a&rdid=Q7DdGkh4UibDr4yg#). Acesso em: 10 dez. 2024.



## APÊNDICE A - Portfólio de imagens

Figura 19 – Tipografia de alfabeto de pixação produzida por mim mesmo. (primeira versão)



Fonte: arquivo do autor.

Figura 20 – Pixação “MALANDRANDO”



Fonte: arquivo do autor.

Figura 21 – Pipa com tipografia minha, com a pixação “MÃEMINSINÔ”



Fonte: arquivo do autor.

Figura 22 – Exposição 3 anos Grão



Fonte: arquivo do autor.

Figura 23 – A pipa obra “MÃEMINSINÔ”



Fonte: arquivo do autor.

Figura 24 – Oficina nas escolas Municipais de Santo Amaro e Acupe, junto com o CRIA no projeto Cultura.rec



Fonte: arquivos CRIA.



Figura 25 – Oficina de confecção de pipa no quilombo D’oiti



Fonte: Amora Moreira.

Figura 26 – Quilombo D’oiti



Fonte: Amora Moreira.

Figura 27 – Pipas do grupo “Pipeiros da Malvina”. Vila Malvina foi o bairro em que morei durante 19 anos da minha vida em Perus-SP. Eles são um grupo de pessoas que se juntam na vila pra empinar pipa juntos e entrar em combate com pipas de outros lugares do Bairro



Fonte: Instagram pipeiros da Malvina.

Figura 28 – Pipa “Malvina”



Fonte: Instagram “Pipeiros da Malvina”.